

## 6. O RESGATE DE UMA COSMOVISÃO MITOPOÉTICA NA EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE

*“Lo que halla expresión en la poesía ya no es el mundo mítico de los demonios y los dioses, ni es tampoco la verdad lógica de determinaciones y relaciones abstractas. De uno y otra se separa el mundo de la poesía cual un mundo de la apariencia y del juego, pero no es, con todo, sino en esta apariencia que el mundo del sentimiento puro halla expresión y, con ello, actualidad concreta. La palabra y la imagen mítica, que inicialmente se enfrentaran al espíritu como duros poderes reales, han descartado ahora de sí toda realidad y eficacia; ya no son más que un tenue éter en que el espíritu se mueve libremente y sin resistencia. Y esta liberación no se produce por el hecho de que el espíritu haya desechado la envoltura de la palabra y la imagen, sino debido a que se sirve de ambas como órganos, llegando así a conocerlas como aquello que son según su razón más profunda, esto es, como propias revelaciones de sí mismo.”*  
[CASSIRER, Ernst: Esencia y efecto del concepto de símbolo, 1989:156]

### OPERACIONALIDADE DO INTERESSE DA RECONSTRUÇÃO TEÓRICA DO SABER

Nesse tempo, se completa um ciclo do desenvolvimento da Humanidade, marcado pelo avanço da ciência, em operação de terra arrasada sobre o território dos demais saberes, tendo se recusado ao artista, ao filósofo e ao místico, a legitimidade do próprio pensar. É importante identificar-se, no mito judaico-cristão<sup>1</sup>, uma estrutura conceitual que correspondeu e deu validade ao imperialismo de uma Verdade, que se impôs ao mundo como racionalidade instrumental, arrogando-se a capacidade de orientar a intervenção demiúrgica do Homem sobre a Natureza, sem, no entanto, assegurar-lhe a visão e a compreensão da sua totalidade.

Ao separar Deus da Natureza e ao atribuir-Lhe uma capacidade de ordenação sobre esta, exterior a ela mesma, o mito judaico-cristão abriu o caminho para a substituição de Deus pelo Homem, e para a dominação do Homem sobre a Natureza.

Ao mesmo tempo que essa cosmovisão foi libertária - rompendo as amarras que prendiam o entendimento a uma fatalidade imobilista e, sob vários ângulos, irracionalista, dominada pelo encantamento do mundo - resultou também dualista e maniqueísta. Dissociando-se desde logo, o Homem da Natureza, estabeleceu-se uma sintonia direta entre a ordem legislada por Deus e a sua capacidade de contemplação pelo Homem de ciência, como a expressão da Verdade. Na imposição da ortodoxia dessa interpretação muitas fogueiras consumiram espíritos críticos e investigadores da Natureza.

---

<sup>1</sup> Creio não estar cometendo nenhum atentado contra a racionalidade científica ao dizer que, em muitos aspectos, a ciência e o mito desempenham funções semelhantes. Não somente porque ambos fornecem ao espírito humano certa representação do mundo e das forças que o animam, mas porque tentam, de uma forma ou de outra, delimitar o campo do possível. Aliás não devemos nos esquecer de que a estrutura do mito judaico-cristão foi muito importante para que se tornasse possível a ciência moderna no início do século XVII; em boa parte ela se fundou na doutrina de um universo ordenado; criado por um Deus permanecendo fora da Natureza e governando-a por leis acessíveis à Razão humana. [JAPIASSU, 1992: 109]

E, quando posteriormente se processou a exclusão de Deus, na relação entre o Homem de ciência e a Verdade, esse caminho tornou-se exclusivo da ciência. A Lei moral e “natural”, construída e validada pelo Homem de ciência, passou então a reger, solitária e auto-suficiente, os destinos do Mundo da Vida. Disso resultou que o Homem de ciência, tendo abandonado a Casa do Pai para testar, no enfrentamento do desconhecido, a racionalidade instrumental que lhe foi concedida, relegou também os demais saberes, conviventes no Lar ancestral, ao domínio de uma Natureza renitente ao seu controle e como tal regida pelo Demônio, sob a consigna do Embuste, que se impôs como desafio exorcizar e desmascarar.

Foi assim que o Homem de ciência, recusando o encantamento paradisíaco de uma Verdade Natural do mundo da vida - que não lhe pertencia por origem e cujos mistérios lhe eram velados por precaução - provou o fruto proibido da Árvore do Conhecimento e trabalhou a resistência da matéria à sua própria pretensão de conhecê-la e dominá-la. Como um Filho pródigo, esbanjou nessa caminhada os talentos, que lhe poderiam ter assegurado a reconstrução do Paraíso, mas ganhou habilidades e acessou os poderes da Criação, que afinal tornaram imprescindível o seu retorno à Casa ancestral. Necessidade essa, que emerge na Consciência dramática da precariedade de sua condição, promovida pelas adversidades que o atingiram e pelos desequilíbrios que acabou provocando<sup>2</sup>.

Por isso mesmo, é grande a alegria do Pai quando se anuncia o retorno do Filho pródigo, pelo que o receberá com pompas e encantamento. Até porque lhe reconhece méritos, ao que veio de longe, embora já pobre e estropiado. Veio movido pela força da Consciência despertada, por isso que também retorna como um Conquistador, e ocupará um lugar diferente na hierarquia da Casa ancestral. Tornou-se capaz de perceber o sentido de tudo o que deixara atrás de si. Tem saudade dos irmãos, que permaneceram em guarda dos talentos da Tradição, e que haverão de recebê-lo com desconfiança e, talvez mesmo lhe recusem, num primeiro momento, a repartição de alguns dos seus privilégios. Mas ocupará o lugar de honra, reservado pelo Pai àquele que acedeu ao Entendimento.

Sua Presença é imprescindível à reconstituição da Família triádica - que harmoniza DEUS, o HOMEM e a NATUREZA - configurando o mistério da Salvação. A recomposição dessa totalidade uma vez fragmentada, é a grande expectativa do Retorno à sua origem, pelo Homem de ciência - o MESSIAS - que haverá de sagrá-la na fraternidade de todos os saberes e na comunhão de todos os talentos. E assim se cumprirá a obra do Espírito, que haverá de assinalar em todos seus partícipes a mesma condição do Conquistador: a sobrevivência com dignidade, o conhecimento ilimitado e o cetro do poder na Casa ancestral, onde o espaço é sagrado, todos os passos têm um sentido e todo gesto tem conseqüência.

Essa figuração sincrética dos mitos judaico-cristãos, do Gênesis ao Gólgota, configura um cenário possível como desdobramento da crise epistemológica que vivenciamos. A ruptura com o paradigma do cientificismo, que hoje proclama a importância de uma visão holística dos saberes e de uma compreensão

---

<sup>2</sup> É o que resulta bem clarificado na conclusão do epistemólogo: “*Todo o desenvolvimento da ciência ocidental constituiu uma busca constante de mais e mais racionalidade, vale dizer, de uma adequação sempre maior entre uma coerência lógica (descritiva ou explicativa) e uma realidade empírica. Essa racionalidade veio a tomar o lugar e proscriver as explicações mitológicas ou religiosas. (...) A confiança no homo sapiens (sujeito racional) esvaziado de toda ‘irracionalidade’, permitiu a universalização dos princípios universais, embora abstratos, de liberdade, igualdade e fraternidade. Inconscientemente, porém, esses princípios abstratos promoveram uma homogeneização e diabolizaram as diferenças culturais e individuais. Uma vez abandonadas as idéias humanistas, a racionalização começa a devorar a razão. Quando isso ocorre, os homens passam a obedecer à aparente racionalidade do Estado, da burocracia e da indústria. E a razão começa a autodestruir-se, a tornar-se fechada, impossibilitada de reconhecer o irracional ou o a-razional e de com ele manter um diálogo, incapaz de superar a antinomia entre inteligência e afetividade, entre razão e desrazão, ou dar-se conta que o ‘Homo não é somente sapiens, mas sapiens/demens’ (E. Morin).*” [JAPIASSU, 1992: 253.]

totalizante do real, de alguma forma, mais profunda e mais significativa, que um mero resgate ao conteúdo prático do senso comum da vida, emula a necessidade de uma cosmovisão mítica alternativa, como aquela que se projeta na alegoria do Filho pródigo, explorando a vertente cristã no reformismo da cosmovisão judaica.

Mas a abrangência desse resgate necessário ainda é mais ampla num período que se descortina pós-reformista. Emula o conteúdo de uma Tradição mítica e de uma convergência entre os saberes, que é anterior à hegemonia cultural do mito judaico-cristão<sup>3</sup> e do racionalismo cientificista da civilização ocidental - uma Tradição que sobreviveu hermética, que teve desenvolvimento paralelo e que foi reprimida pelo avanço desta nossa ciência que dessacralizou a Natureza e que afastou o Homem de Deus. Trata-se da mesma afirmação da ciência, ressalve-se, como apropriação de um saber parcelar, mas efetivo, que permitiu a realização [ainda que de forma travestida e perversa, pela vontade de poder e pela desconsideração ética em muitas das suas conquistas] das múltiplas dimensões de um Entendimento, que a mitologia já havia esboçado, mas cuja racionalidade permanecera envolta no encantamento do mundo, tornando-o assim, menos efetivo e convincente, que a sua prática clandestina surrupiada à Árvore do Conhecimento.

O caráter libertário da simbologia mitopoética não deixou de se fazer presente, sob a capa ou a pretensão do conhecimento científico, nos avanços extraordinários que a Humanidade realizou, no conhecimento da Natureza e de Si-mesma, nestes quatro séculos de afirmação do paradigma cientificista desde o manifesto galileano. É exatamente essa capacidade de realização, levada até o limiar do seu esgotamento pelos fantásticos desenvolvimentos e potencialidades gestadas, no apogeu da Conquista do Espaço acima e abaixo pelas Missões espaciais e pela exploração do átomo, que dá consistência à reivindicação da mudança paradigmática.

É clara a percepção que chegamos ao final de um Ciclo. O pássaro de Minerva já pode levantar seu vôo vespertino. A Casa se apresta a receber o viajante desgarrado, iluminando-se ao cair da noite. E o Homem de ciência, em todas as fronteiras do conhecimento que acessou, avança corajosamente a sua inquietude disciplinada em direção deste farol ancestral, que vence as brumas da madrugada. É assim que a reflexão do *Interesse da Reconstrução Teórica do Significado*, fechando o círculo da análise hermenêutica da epistemologia de síntese, nos oportuniza o resgate de uma tradição mitopoética, sufocada pelo triunfalismo cientificista da Idade Moderna.

Neste texto já se esboçaram diferentes abordagens do potencial teórico do novo paradigma na Epistemologia de Síntese, marcadamente pela compreensão das analogias e das correspondências conceituais, que permitem surpreender as semelhanças estruturais e localizar as respectivas diferenças, na análise das várias concepções da epistemologia genética (PLATÃO, PIAGET, FOUCAULT, etc.) e no

---

<sup>3</sup> À sua maneira, demarcada por uma ortodoxia católica que o ungiu como um dos últimos e mais entusiastas divulgadores da filosofia aristotélico-tomista nesta segunda metade do século, Jacques MARITAIN, partilha dessa mesma convicção: "... algumas das verdades mais simples que a Filosofia irá estudar foram conhecidas muito antes que a Filosofia existisse, e encontramos-las entre todos os povos antigos, mesmo nos tempos mais remotos, sob forma mais ou menos rudimentar e com alterações e acréscimos mais ou menos graves. Mas este conhecimento dessas verdades simples, êsses povos o adquiriram, não da Filosofia, e sim dêsse exercício absolutamente espontâneo e instintivo da razão que procede do senso comum; na realidade, tais conhecimentos resultaram também, e sobretudo, da tradição primitiva. A respeito da existência de uma tradição primitiva, comum aos diversos ramos humanos, e que remontaria até às origens da nossa espécie, as melhores conclusões da História vêm concordar com as conclusões dos teólogos. Aliás, feita abstração de todo dado positivo, é muito razoável admitir que o primeiro homem tenha recebido de Deus, ao mesmo tempo, a ciência e o ser, e pôde assim continuar, pela educação, a obra da sua paternidade." [1968:23/24 - grifei e sublinhei]

enquadramento epistemológico das categorias de análise utilizadas pelos grandes teóricos da ruptura com a concepção dualista de sujeito-objeto (HEGEL, MARX, FREUD, etc.). Trata-se agora de submeter os conceitos que elaboramos, e a própria atitude epistemológica cultivada no decorrer destes desenvolvimentos, a um **novo teste de consistência**; certamente **o mais crucial de todos**, contra o pano de fundo do sectarismo cientificista.

O que se pretende dessarte, é explorar a compatibilidade dos conceitos da epistemologia de síntese e afinal a sua potencialidade teórica, no recolhimento do sentido das alegorias mitopoéticas e, mais além, de alguns fragmentos do conhecimento nas tradições esotéricas das grandes religiões. De alguma forma, temos consciência de navegar na contra-corrente de um bem claro, preciso e dominante preconceito da comunidade científica, partilhado inclusive por alguns dos epistemólogos que ousaram avançar na exploração dos limites do paradigma em transe, relativamente à incompatibilidade entre pensamento mítico e razão, entre saber tradicional e ciência.<sup>4</sup>

Há duas vertentes desse preconceito que se devem clarificar: a primeira e mais grosseira, que visualiza no mito apenas a fantasia de uma tentativa de explicação - supostamente definitiva e infalsificável - para fenômenos que escapam ao entendimento do homem primitivo, cuja ilusão cabe à ciência desmontar; e aquela que entende o mito, e com ele o pensamento tradicional, como a expressão de um estágio primitivo da razão - de uma simplicidade ingênua diante dos fenômenos - capaz de intuir verdades essenciais, no respectivo sincretismo simbólico, remetendo à ciência o respectivo esclarecimento, por outras vias no entanto, supostamente mais sistemáticas e mais eficazes. As atitudes que lhes correspondem, no processo da dominação cientificista, deslocam-se de um combate frontal à tolerância condescendente.

Esse último é o caso de JAPIASSU [1992] que, muito embora reconhecendo a racionalidade de sua expressão simbólica, recusa um substrato racional às “premissas” em que se funda o mito, a religião e a astrologia, para concluir - de uma forma surpreendentemente reducionista de todo o horizonte descortinado em sua investigação - pela suposta falência de todas as tentativas empreendidas no sentido de se “*intelectualizar*” o seu significado. A contradição desse modo de pensar escancara os limites de uma tolerância descomprometida, que o paradigma cientificista permite conviver no “*apartheid*” dos saberes. *A ciência que se faz*, no entanto, derruba sistematicamente essas fronteiras. Para citar apenas os exemplos mais óbvios, dessa interpenetração, o Édipo de FREUD e os Arquétipos de JUNG são conceitos que explicitam o significado teórico e a profundidade analítica dos mitos em sua representação da *psiqué* humana, muito além dos limites que lhes seriam concedidos pelo estigma de um primitivismo ingênuo. E na linha dos desenvolvimentos teóricos que pautamos neste texto, na análise simbólica de CASSIRER a RICOEUR, de PEIRCE a HABERMAS, não pareceria consistente afirmar-se que um SIGNO, pelo seu caráter sintético, seja desprovido de um substrato pensado - e, como tal, inteligível e cognoscível.

---

<sup>4</sup> É o que se escancara, por exemplo, na ambigüidade do tratamento dispensado por JAPIASSU em sua análise do saber tradicional - mais especificamente, da racionalidade-irracionalidade do mito: “*Observemos que a concepção da Natureza feita pelo mito, pela religião e pela astrologia, concepção esta fundada na experiência da vida humana, não constitui, em absoluto, uma concepção desprovida de significação racional. Só podem ser consideradas irracionais, pré-lógicas, mágicas, ou místicas, as premissas de onde partem as explicações míticas, religiosas ou astrológicas. Todas as tentativas para se intelectualizar o mito, a religião e a astrologia, para se compreendê-los como expressões alegóricas de uma verdade teórica fracassaram. Porque seu substrato real não é um substrato de pensamento, mas de sentimento. O que não quer dizer que sejam desprovidas de sentido ou de razão. Significa que sua coerência repousa mais numa unidade afetiva do que em regras lógicas: têm uma concepção de vida mais sintética do que analítica.*” (JAPIASSU, 1992:199 - grifei e sublinhei)

É, sobretudo, discutível o ponto de vista firmado por JAPIASSU na tentativa de respaldar sua recusa em aprofundar a análise substantiva dos saberes paralelos e marginais da ciência, segundo o qual as premissas, de onde partem as alegorias míticas, seriam desprovidas de racionalidade, embora exista “*algo*” de racional no invólucro das suas afirmações. Se, ao **proferimento** dessas ditas “*alegorias*”, se pode atribuir a presença de “*alguma*” racionalidade, isso implica que também impacta “*alguma racionalidade*” na relação originária de sentido, que articula o **Fundamento** e o **Objeto**, do seu correlato **fazer comunicativo**. Ora, onde se reconhece *algo de racionalidade*, só no âmbito de uma análise racional, se poderá identificar seu específico *conteúdo de verdade*<sup>5</sup>, dissociando-o da ilusão e manifestando a verdadeira complexidade do seu substrato. Para isso, no entanto, é inviável descartar-se, aprioristicamente, o embasamento das suas premissas. É preciso reconhecer ao mito a dignidade de um saber, que se oferece à análise racional, tanto na expressão simbólica da sua manifestação, quanto na racionalidade das suas premissas. O que, entretanto, tem obstaculizado esse reconhecimento, é que a “**simplicidade**” - que o saber mítico conforma - é uma categoria pelo menos ambígua. O que é simples - até como uma particularidade fenomênica - manifesta virtualmente a complexidade do todo.

Para o **agir comunicativo**, a simplicidade da mensagem é um **ponto de partida** - garantia de confiabilidade na interação - que facilita a comunicação, tornando o seu conteúdo imediatamente apreensível e, assim também, diminuindo o risco da sua deturpação. Para o **fazer comunicativo**, no entanto, a simplicidade do mito constitui-se num **ponto de chegada** - expressão sincrética de uma totalidade refletida - que manifesta um raciocínio complexo e, nessa perspectiva, um estágio superior da razão. Tudo que é simples, assim, como se expressa de forma capaz de permitir a **comunicação** do seu conteúdo, também **(re)vela** o seu substrato racional. A sua verdade, portanto - não importa qual a sua origem no espectro dos saberes -, partilha de uma ambigüidade essencial: ao expressar-se como mensagem, aspira a **tornar-se comum** na confiabilidade da respectiva interação; e, ao mesmo tempo, **obscurece a complexidade** das suas premissas, velando o conteúdo racional do seu fundamento. O conteúdo sincrético do signo, em todos os campos de atualização do saber, dessarte, contém e esconde a dinâmica triádica da sua origem. Nenhum dos saberes é infenso a essa dinâmica - e muito menos a ciência.

Exatamente por isso, JAPIASSU <sup>6</sup> vê-se na contingência de suspender o juízo ao final de sua investigação erudita e ousada, que teve a Astrologia por objeto. Tendo aprofundado a análise das incompatibilidades estruturais, entre as cosmovisões do hermetismo renascentista e do cientificismo moderno; tendo explorado as inconsistências prosaicas da mitologia vulgar, que resiste tão pouco à reflexão crítica, como qualquer desses subprodutos baratos do cientificismo que prometem certeza na avaliação de personalidade, como é o caso dos testes de comportamento que os magazines costumam publicar ao lado da seção de horóscopos; e, tendo denunciado o sentido prático dessa vulgarização dos saberes alternativos, pela sua domesticação ao serviço do conformismo político nas sociedades

---

<sup>5</sup> Este argumento é, em tudo, análogo àquele com que Maurice DUVERGER, justificou uma concepção mais abrangente da ciência política. Contra os que defendiam uma concepção mais estrita da ciência política, circunscrita ao fenômeno do Estado, DUVERGER ofereceu uma objeção metodológica: que essa distinção só poderia ser verificada mediante a confrontação dos atributos do poder de Estado às relações de poder fora da sua órbita, razão pela qual só a concepção mais abrangente permitiria o teste da sua hipótese básica. [DUVERGER, 1968:16]

<sup>6</sup> “*Nossa pretensão foi a de, dando uma rápida olhada no passado, tornar possível uma melhor compreensão da natureza e do papel social desse ‘saber’ que hoje convive mais ou menos tranqüilamente com os saberes científicos, numa espécie de ecumenismo epistemológico no qual não há mais lugar para as intolerâncias, o fanatismo, o sectarismo, o dogmatismo; no qual nenhum saber possa julgar-se ‘dono da verdade’.*” [JAPIASSU, 1992:162]

capitalistas, conclui seu texto em manifesto pela **recusa do sectarismo ou dogmatismo de qualquer saber** que se pretenda “*dono da verdade*”.

### 6.1 *A cultura do androginato e a concepção triádica de Alétheia: a palavra-mágico-religiosa, na tradição dos poetas, dos adivinhos e dos reis de justiça.*

Nossa tarefa - o *remembramento da linguagem*, no sentido que o vislumbra RICOEUR - se dimensiona nas proporções da Consciência-Humanidade. Não é preciso, entretanto, atualizar-se todo o seu potencial para que se complete o sentido do novo paradigma e se desvele a sua capacidade de explicação.

Temos bem presente o esboço diagramático, que esboça o modelo paradigmático da dialética triádica na epistemologia de síntese, para recolher, com o espírito do *geômetra*, o sentido epistemológico pleno da alegoria pitagórica que PLUTARCO utiliza para descrever a *Planície de Alétheia*, como a fizemos constar à epígrafe deste Capítulo. Mais uma vez aqui, a humildade necessária do hermeneuta nos alerta para o caráter ainda experimental e fragmentário da nossa postulação, diante da magnitude da obra que se descortina ao entendimento.

A Epistemologia de Síntese desenvolveu-se a partir de um fazer pedagógico - em sala de aula. E uma contribuição extremamente relevante para a corroboração do seu potencial analítico surge num trabalho de conclusão do aluno Luiz Alberto GRIJÓ, em julho de 1995. A partir de uma exposição<sup>7</sup>, ainda tentativa, da pesquisa que empreendia - onde procurava examinar a adequação dos conceitos básicos da Epistemologia de Síntese ao resgate de uma compreensão ampla do processo do conhecimento, subjacente à galeria dos mitos gregos -, tive a minha atenção voltada para a reflexão de desenvolvida por GRIJÓ sobre “Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica” (DETIENNE, 1988).

Reproduzo alguns parágrafos desse trabalho com a finalidade, não apenas, de reconhecer-lhe os créditos, mas também de situar no próprio contexto do nosso agir epistemológico a sua cristalização num fazer cooperativo, intersubjetivo. Inicialmente, GRIJÓ contextualiza a discussão paradigmática da epistemologia de síntese na substituição/oposição dos conceitos chaves - que designam a hegemonia cultural na Grécia Arcaica - da palavra-mágica [nas suas dimensões interrelacionadas poética, autoritativa e mântica] à palavra-diálogo [nas suas versões retórica ou metafísica].

“Marcel Detienne, em sua obra **Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica** analisa a história do termo grego **Alétheia**, “verdade”, desde a sua utilização nos contextos mitopoéticos mais antigos até seus contornos no contexto da **pólis**. Tal “conceito”, crucial para a filosofia, ciência e religião até nossos dias, ao ser historiado pelo autor revela a sua dependência dos contextos a partir dos quais era proferido, sua dependência estreita em relação à comunidade lingüística, à possibilidade de comunicação intersubjetiva, ao mundo da vida. É assim que a verdade associada à palavra mágico-religiosa dos contextos mitopoéticos e, mais, mitopráticos (vivência do/no mito “vivo”), está associada à exclusiva

---

<sup>7</sup> “Conforme o que foi discutido durante o curso e apresentado pelo professor<sup>7</sup>, a proposta de uma epistemologia de síntese visa dar conta e contribuir para a consolidação de um novo paradigma para o conhecimento que estaria em estruturação no presente. Tal paradigma ultrapassa as fronteiras usuais entre a ciência e demais campos do conhecimento (arte, filosofia e religião), se estruturando enquanto pano de fundo mais amplo para a própria reestruturação do mundo da vida. Assim, é proposta uma **‘hipótese crucial: que reconhece a prefiguração de uma epistemologia de síntese na cosmovisão das tradições esotéricas’** (AYDOS, 1995: 42). Sob este aspecto, a perspectiva **‘holista’** (Idem: 18) da proposta, algumas considerações sobre os primeiros momentos da filosofia e das bases da ciência como tradicionalmente concebida na Grécia Arcaica podem ser úteis.” (GRIJÓ, 1995. Sublinhei)

deliberação divina onde **Alétheia** opõe-se à **Lethe**, ou seja, aparece como oposição ao “esquecimento”, enquanto negação mesma deste (a-), portando associada à memória **Mnemosyne**. Não há oposição entre verdadeiro e falso, mas entre lembrança-verdade e esquecimento (oposição não-polar, absoluta, mas oposição de posição, de lugar, uma relação de ambigüidade). Os “mestres da verdade”, os agentes desta **Alétheia** (colada a eles e indissociável de suas figuras) são: o poeta, o rei de justiça e o adivinho; aos quais se associam os três domínios do pensamento arcaico: poesia, justiça e mântica. (Sublinhei)

O desenvolvimento da pólis e as circunstâncias históricas a ele atinentes<sup>8</sup> acabam por operar o surgimento de um outro tipo de palavra que Detienne nomeia de palavra-diálogo. Tal se dá a partir do pano de fundo mitopoético contra/sobre ele mesmo. A palavra mágico-religiosa é uma palavra eficaz (ela própria cria a realidade), intemporal, inseparável das condutas e valores simbólicos e privilégio de um tipo de homem, é seguida pelo desenvolvimento da palavra-diálogo, laicizada, complementar à ação, inscrita no tempo e ampliada às dimensões do grupo social.” [GRIJÓ, 1995. Sublinhei]

Têm sentido as observações de GRIJÓ, estribado em DETIENNE [1988]; eis que, na vertente hegemônica da cultura ocidental, dominada pelo debate entre a sofística e a metafísica [platônica-aristotélica], prevaleceu o conceito da “**verdade**” como **logos** [palavra-diálogo], restando marginalizada, embora sobrevivente, a Tradição alternativa das seitas filosófico-religiosas [órficos, pitagóricos], que buscaram, de alguma forma, articular numa visão sintética e holista os conteúdos distintos da palavra-mágico-religiosa e da palavra-diálogo. Na sua interpretação, o próprio conceito do **lógos** é distinto da denotação racionalista hegemônica, articulando-se numa configuração de potências lingüísticas, que se derivam, por relações genéticas e estruturais, da palavra-mágico-religiosa, do **mythos** e de **Alétheia**, sua “**verdade**” originária. Pelo que se justifica aprofundar essa intuição...

A cultura grega arcaica é monista, dualista ou triádica?

Essa pergunta é virtualmente respondida quando se depara o conteúdo substantivo que transborda na obra de DETIENNE, demonstrando à saciedade a ambigüidade e complexidade do universo conceitual da cosmovisão mitopoética. Seu imaginário, obviamente, não se resolve numa dimensão de mais ou menos, bem ou mal, verdadeiro ou falso. As próprias categorias do discurso ou as potências míticas não se adaptam à análise binária: os conceitos têm denotações múltiplas, de oposição, transição e complementaridade, de tal sorte que ALÉTHEIA [a “verdade”], se opõe a APÁTE [o “engano”]; mas a ALÉTHEIA, que se corporifica na “memória do poeta”, que louva os feitos dos homens e dos deuses, glorificando-os, mantém uma relação de transição e complementaridade com LÉTHE, que representa o “esquecimento” e a censura. De algum modo, ALÉTHEIA-MNÉMOSYNE [a verdade como lembrança], que se opõe à potência de LÉTHE-THANATOS [o esquecimento no “sono” da morte], emerge na mântica incubatória de LÉTHE-HÝPNOS [o ritual hipnótico da revelação da verdade - o “sono” branco]. O aspecto positivo e sedutor [tributário de AFRODITE e EROS] de LÉTHE, revelador da “verdade” reprimida ou latente, do que foi e do que será, sinaliza a ambigüidade dessa categoria polar, que subjaze à lógica de oposição que lhe oferece [A]LÉTHEIA na ambigüidade mitopoética.

É impróprio à análise binária que um dos pólos de uma relação diádica seja, ele mesmo, ambíguo, ou que transite entre ambos uma relação complexa, de transição ou mútua inclusão. A capacidade analítica do dualismo assenta sobre categorias “simples” - nelas, a ambigüidade cede lugar à contradição - aí está sua força, mas também a sua limitação. Exatamente por isso, pela simplicidade da contradição - do positivo e do negativo -, o sistema binário é uma ferramenta de trabalho de inestimável valor para a construção de sistemas extremamente complexos - onde a interação subconsciente de miríades de

<sup>8</sup> Não há espaço suficiente aqui para desenvolver o tema. Detienne mostra bem o contexto (1988: 45 e segs.)

*palavras-bits* reproduz a flexibilidade nuançada do real. Mas se transforma num instrumento precário para a configuração de modelos teóricos, dos quais se exija economia processual e profundidade de compreensão, como a estrutura conceitual do discurso sobre a realidade. De sorte que, quando é utilizado como pano de fundo na representação da história ou na análise lingüística, a análise diádica: ou se ressent de uma estrutura sistêmica mais complexa, capaz de absorver a ambigüidade e a transitividade dos conceitos; ou violenta a própria realidade, numa expressão reducionista do próprio significado. Neste último caso, o seu impacto sobre o próprio objeto não pode ser desconhecido - a insuficiência teórica acompanha a crise, contradição e exclusão, que refletem, no próprio estado da realidade, a precariedade da sua compreensão.

A passagem de HESÍODO a HERÓDOTO e TUCÍDIDES, do poema à história, do mito à metafísica, na Grécia Arcaica, testemunha essa relação entre o modo exuberante e ambíguo da expressão de uma totalidade complexa e o tempo da sua reconstrução, na lógica simplificada do conhecimento dualista<sup>9</sup>. Foi também nessa transição que, por recusar-se a exigência de uma compreensão mais profunda e de uma formalização mais complexa, o discurso sobre o real acabou reduzindo a potencialidade latente de uma epistemologia de síntese - embrionária na ambigüidade do discurso e da lógica mitopoética - ao rigorismo da sua contradição. Isso mesmo que, afinal, vai redundar numa concepção instrumental da “verdade” - e que vai se cristalizar na “realidade” de um processo de laicização, que se reflete, ainda hoje, no estado atual da “ciência” e do “mundo”.

Inobstante a consciência da ambigüidade - que expressa em DETIENNE a inviabilidade de se submeter ALÉTHEIA à simplicidade do claro-escuro, positivo-negativo - a metodologia utilizada em sua análise, recolhendo a perspectiva de LÉVI STRAUSS, vê no mito uma estrutura diádica, passível de ser decifrada pela manifestação de suas contradições. A análise densa e erudita de “**Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica**”, em razão disso, mesmo deixando entrever a complexidade na superposição e entrelaçamento das díades, vela a tríade e, assim, apenas vislumbra a síntese. A metodologia binária impede, em DETIENNE, que se realize em toda a sua potencialidade o caráter manifesto da cultura do androginato na Grécia Arcaica e, na sua consequência, ainda que de forma embrionária, a concepção triádica do signo. DETIENNE desconhece o Neutro como um valor autônomo em relação ao Positivo e ao Negativo, e procura resolvê-lo na lógica da “ambigüidade”. Assim é que se opõe Alétheia à Léthe; é

---

<sup>9</sup> “Heródoto separa expressamente o tempo dos deuses e o tempo dos homens, o tempo do afrontamento. Em Tucídides tudo será diálogo. Como sabemos, Claude Lévi-Strauss encontra sistematicamente as estruturas binárias que neles se ocultam. Elas não se escondem na obra do historiador ateniense, e é fácil encontrar os pares superpostos, a decisão racional (**gnomé**) e o acaso (**týche**), a palavra (**lógos**) e o fato (**érgon**), a lei (**nómos**) e a natureza (**physis**), a paz e a guerra. Assim, a história toma a forma de uma gigantesca confrontação política; os planos dos homens de Estado são submetidos à prova dos planos de outros homens de Estado, à prova da realidade, da **týche**, do **érgon**, desta **natureza**, sobre a qual Tucídides fala curiosamente no começo do livro I, que compartilhou o estremecimento do mundo humano, como se a guerra do Peloponeso, este diálogo pelas armas que também foi, muitas vezes, um diálogo pelas palavras, tivesse provocado os tremores de terra. Em que consiste, então, a universalidade que um Tucídides pode desejar, e que deseja efetivamente, a não ser na própria universalidade do diálogo?”

A ambigüidade dá lugar, decididamente, à contradição. Mais exatamente, a ambigüidade, que caracterizava o discurso na época arcaica se refugia, a partir de então, nos fatos. Mas, para o historiador, ela desapareceu; estamos em guerra ou estamos em paz, a nível de escritor isto está claro. A lógica de Hesíodo é uma lógica da ambigüidade; nenhum homem sabe perfeitamente se deve conduzir-se segundo a **Díke** ou segundo a **Hybris**, se está do lado da verdade ou do lado da mentira; a lógica de Tucídides é uma lógica da contradição.” (PIERRE VIDAL-NIQUET, in DETIENNE, 1988: 10)



Memória contra o Esquecimento. Mas se reconhece a “ambigüidade” de Léthe; contém - Thánatos, a “morte” (negro e negativo), e Hýpnos, o “sono” (branco e positivo)<sup>10</sup>.

Estranho que, num universo de potências que se assumem claramente e definitivamente “Neutras”, como Hermes - o Adrógino, DETIENNE se obrigue a recorrer à lógica da repetição para tentar explicar o deslocamento de ALÉTHEIA a LÉTHE, do positivo ao negativo:

“(…) a passagem de Alétheia a Léthe traduz-se em termos de “semelhança”, noção quase racional, pois se num determinado nível, o pensamento grego arcaico estabelece uma verdadeira equivalência ou, ao menos, um tipo de “participação” entre os dois termos de comparação, ela tende cada vez mais a uma teoria fundamental, à teoria da mimésis. (...) a ambigüidade, que o pensamento mítico não analisa, porque ela lhe é consubstancial, é aqui o objeto de uma análise racional que procede em termos de imitação, de mimésis...” [Detienne, 1988:43]

Eis, aqui, um exemplo claro e inequívoco da maneira como o esquema conceitual delimita e condiciona a conclusão do analista. O real, que não é exatamente o real e nem o seu oposto, não encontra, na estrutura binária da análise de LEVI-STRAUSS a DETIENNE, outra alternativa, senão refugiar-se no “limbo” da “semelhança”. Até para ser, como tal, questionado e desvalorizado, numa lógica de oposição que se estabelece, afinal, em dois planos: a contradição substantiva entre o real e seu oposto - positivo e negativo; e a contradição formal entre estes e o que lhes é apenas semelhante... ao qual não se concede autonomia de existência e nem dignidade de saber, e sobre o qual se exerce a tentativa da conversão repressiva, num dos termos da polaridade diádica.

A aceitação de MIMÉISIS, como justificativa do caráter falso/verdadeiro, daquilo que não é nem positivo e nem negativo, constitui uma afronta à dignidade da potência mítica, representada por MÉTIS e toda a sua corte do androginato categorial. A manifestação perversa dessa desconsideração configura-se em rebelião aberta no desafio da SOFÍSTICA. É quando o andrógino, excluído e marginalizado, se desloca em operação de conquista para um dos pólos do sistema binário, que tem lugar a constituição da hegemonia cientificista. É quando as *technai* e as *doxai*, expulsas do seu território e da sua dignidade originárias, tomam partido numa reconstruída lógica de oposição, que o contingente de LÉTHE se vê assim suficientemente reforçado para dominar sobre ALÉTHEIA e para impor, no curso do processo civilizatório, a ambigüidade não resolvida da sua capacidade de realização e destruição. O novo domínio de LÉTHE, agora como APÁTE [palavra engano - “*pseudéa*”], é a ambivalência de uma promessa de emancipação, que emerge e se repete nos sonhos de HÝPNOS, mas que se cumpre nos desígnios de THANATOS, o sono da morte.

A epistemologia de síntese, ao empreender o resgate desse momento histórico e das suas representações, pretende, também, subsidiar uma análise em profundidade do impacto desastroso da lógica diádica no processo da História. Não para suprimi-la, porque não se pode suprimir o que, afinal, resulta como a expressão mais sólida e experienciada do real neste processo civilizatório. Mas para integrá-la no contexto mais amplo da concepção triádica, que representa sobretudo o disciplinamento do conflito diádico aos interesses da totalidade, do conjunto onde o mesmo se insere.

---

<sup>10</sup> “Não há, portanto, de um lado Alétheia (+) e de outro Léthe (-), mas entre esses dois pólos, desenvolve-se uma zona intermediária, na qual Alétheia se desloca progressivamente em direção a Léthe, e assim reciprocamente. A “negatividade” não está pois, isolada, colocada à parte do Ser; ela é um desdobramento da “Verdade”, sua sombra inseparável. As duas potências antitéticas não são, portanto, contraditórias, tendem uma à outra; o positivo tende a negativo, que, de certo modo “o nega”, mas sem o qual não se sustenta.” (DETIENNE, 1988: 41).

Nessa perspectiva, a estrutura de análise da epistemologia permite reconstruir o nexos da cultura do androginato, que remonta à Tradição mitopoética, e identificar o modo como se processou a crise no seu interior, pela dominação da lógica binária, e os respectivos resultados. Do exposto restará clara a intercambialidade das categorias utilizadas para conceituar a epistemologia de síntese, com as potências míticas da Grécia Arcaica. E, o que é mais importante, se demonstrará a adequação do modelo conceitual da epistemologia de síntese, para a articulação e compreensão das relações significativas entre os pares conceituais da constelação mitopoética.

Inicialmente, procedemos à transposição, para o esquema conceitual da epistemologia de síntese, da constelação conceitual de ALÉTHEIA, conforme emerge nos escritos dos poetas e na prática social cunhada na Grécia Arcaica, pelos adivinhos e reis de justiça:

“No pensamento arcaico, três domínios fazem-se distinguir: poesia, mântica e justiça, que correspondem a três funções sociais, nas quais a palavra desempenhou um papel importante antes que se tornasse uma realidade autônoma, antes de ser elaborada pela filosofia e pela sofística, uma problemática da linguagem. Sem dúvida, na Idade Antiga, as interferências entre esses três domínios foram múltiplas, já que os poetas e adivinhos têm em comum o mesmo dom de vidência, e que os adivinhos e os reis de justiça dispõem de um mesmo poder e recorrem às mesmas técnicas. Apesar de tudo, os três, o poeta, o adivinho e o rei de justiça revelam-se como mestres da palavra, de uma palavra que se define através de uma mesma concepção de Alétheia.” [DETIENNE, 1988: 32]

A pesquisa do significado, das categorias da cosmovisão mitopoética à luz dos conceitos trabalhados pela epistemologia de síntese, resulta, afinal, em um esclarecimento adicional desse modelo teórico. A **Tabela 20** inicia a formalização dessa análise, identificando as correspondências conceituais da cosmovisão de ALÉTHEIA com a divisão estrutural dos Campos de Atualização do Saber da epistemologia de síntese.

**Tabela 20 - Correspondência entre os conceitos dos CAMPOS DE ATUALIZAÇÃO DO SABER, na epistemologia de síntese e as categorias prático-teóricas da cosmovisão mitopoética na Grécia Arcaica.**

<b>Categorias da epistemologia de síntese</b>	<b>Categorias da cosmovisão mitopoética</b>
<p><b>CAMPO DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO SABER</b> - sede da <i>Natureza Interna</i> (ilimitada comunidade de comunicação), como um <i>transcendental imanente</i> que fundamenta o conhecimento - <b>sistema de personalidade</b> onde tem lugar o desenvolvimento da personalidade e a apropriação terapêutica das estruturas do conhecimento.</p>	<p><b>DOMÍNIO DO POETA</b> - a <u>palavra-eficaz</u> institui a realidade, atribui valor, outorga a glória - <i>Kléos</i> - e concede, assim, no canto épico de louvor, a memória ou o esquecimento aos atos dos homens; é fundamento que se basta.</p>
<p><b>CAMPO DA ESTRUTURAÇÃO TEÓRICA DO SABER</b> - sede da <i>Sociedade</i> - como o <b>sistema cultural</b>, onde o conhecimento se estrutura simbolicamente como expressão de uma ordem normativa - ou paradigmática.</p>	<p><b>DOMÍNIO DO REI DE JUSTIÇA</b> - a <u>palavra-autoritativa</u> - <i>themistes</i> - traduz em ordenação social o conhecimento mágico-religioso.</p>
<p><b>CAMPO DA REALIZAÇÃO PARTICIPATIVA DO SABER</b> - sede do <i>Mundo da vida</i> - como espaço do <b>enquadramento orgânico e físico</b> da sociedade, que determina as condições do aprendizado e da instrumentação das necessidades e desejos humanos, no processo do conhecimento.</p>	<p><b>DOMÍNIO DO ADIVINHO</b> - a <u>palavra onisciente</u> - <i>alethomantis</i> - diz a verdade, é fruto da comunicação com as potências divinas, que se expressam no estado da natureza; ao perscrutá-la ou nela intervir, o adivinho declara “o que é, o que foi e o que será”.</p>

O texto de DETIENNE contextualiza, no ambiente cultural da Grécia Arcaica, um conjunto de atributos que integram o conceito de ALÉTHEIA, palavra-mágico-religiosa: a capacidade de comunicação do adivinho com as potências divinas; a ordenação da equidade na sociedade arcaica; e, finalmente, a instituição da realidade social pela atribuição do louvor - ou pela sua negação, como censura. Disso que decorre uma concepção triádica da potência mítica, que expressa em ALÉTHEIA os conteúdos de: “**verdade**”, “**justiça**” e “**valor**”.

Em seqüência, será necessário estabelecer a correspondência entre as **categorias mitopoéticas** e os conceitos que conformam os **interesses epistemológicos** na epistemologia de síntese. Novamente, o recurso ao texto de DETIENNE<sup>11</sup> é o caminho mais seguro para esse empreendimento. Nele, as

<sup>11</sup> A “verdade” institui-se, então no desdobramento da palavra mágico-religiosa, apoiada na Memória e articulada ao Esquecimento. Mas a configuração de *Alétheia*, traçada pela oposição fundamental entre Memória e Esquecimento, compromete outras potências que contribuem para defini-la: *Díke, Pístis, Peithó*. (...) Da mesma forma que *Alétheia*, a

potencialidades de *Alétheia* são contextualizadas na tradição dos poetas, adivinhos e reis de justiça, pelas funções da palavra mágico-religiosa, expressas nos conceitos da *Pístis*, *Díke* e *Peithó*.

*Pístis*, que representa a **fé no conhecimento** originário da experiência mágico-religiosa, impacta, mais propriamente, nos domínios do ADIVINHO e naqueles que são trabalhados pelo POETA. Isso é conseqüente ao ordenamento geral da cosmovisão mitopoética, onde a capacidade mântica, de perscrutar os auspícios da natureza - a onisciência conferida pelo acesso à memória, sob os auspícios da potência mítica de MNEMOSYNE -, é suporte da intervenção mágica e da ordenação social. **Mântica** e **justiça** estão intimamente relacionadas: o seu agente intervém magicamente na natureza para conhecer, e decide sobre essa intervenção os caminhos da guerra e da paz, da justiça e do poder. Adivinho e Rei de Justiça, no apogeu da civilização arcaica são uma única e mesma pessoa.

*Díke*, que representa o **poder de ordenação da equidade** e de instituição do conhecimento, impacta, basicamente, nos domínios do POETA e do REI DE JUSTIÇA. A verdade, na cosmovisão mitopoética, é indissociável da equanimidade e do louvor. Os editos reais - *thémistes* - sob os auspícios de THÉMIS, abrangem, assim, a mântica e a justiça, dizem a verdade do **que é** e do que **deve ser**. E o poeta não foge dessa condição, eis que o poder que dispõe, de conceder a glória, pelo louvor, ou negá-la pela censura do silêncio, é, sobretudo, um compromisso da Justiça no mundo humano.

*Peithó*, é o terceiro aspecto na concepção triádica que capta os interesses da verdade na Grécia Arcaica. Representa o **poder de persuasão** da palavra mágico-religiosa. Movimenta nos domínios do ADIVINHO e de sua interação com o mundo natural, a capacidade de intervenção mágica, que suporta seu poder de persuasão; e remete ao POETA à sua disseminação.

Assim caracterizada a derivação triádica de ALÉTHEIA, a **Tabela 21** explicita sua correspondência em nosso modelo conceitual, com as categorias dos interesses epistemológicos.

---

*Justiça é uma modalidade da palavra mágico-religiosa, pois a Díke “realiza”. No campo da justiça, a Alétheia é inseparável da Díke, mas, no mundo poético, Díke não é menos indispensável: um elogio se faz com justiça (...) A Pístis é tradicionalmente a confiança que vai do homem a um deus ou à palavra de um deus; é a confiança nas Musas, fé no oráculo, mas a noção de Pístis (...) se revela melhor como o acordo necessário e constrangedor, assentimento requerido pela potência de Alétheia, como requer toda palavra eficaz. Tende, portanto, a aproximar-se de Peithó que é, sem hesitação, a potência da palavra tal como se exerce sobre o outro, sua magia, sua sedução, tal como o outro a experimenta.*[DETIENNE, 1988: 36/37].

Tabela 21 - Correspondência entre os conceitos dos INTERESSES EPISTEMOLÓGICOS, na epistemologia de síntese e as categorias prático-teóricas da cosmovisão mitopoética na Grécia Arcaica.

Categorias da epistemologia de síntese	Categorias da cosmovisão mitopoética
<p><b>INTERESSE DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO ENTENDIMENTO</b> - associado à função de <i>legitimação</i> do saber - articula <i>mais do que um simples apreender da realidade, o desenvolver as estruturas mentais que o viabilizem... sede do potencial emancipatório da prática epistemológica.</i></p>	<p><b>PEITHÓ</b> - <u>poder de persuasão</u> que rege o impacto da “verdade” sobre o outro, sendo, profundamente ambígua na sua configuração, eis que pode representar o amor pela “verdade” [Alétheia], ou a sedução do “engano” [Apáte].</p>
<p><b>INTERESSE DA RECONSTRUÇÃO TEÓRICA DO SIGNIFICADO</b> - associado à função de <i>institucionalização</i>, assegura o conteúdo hipotético da objetividade alcançada - na reconstrução teórica e apropriação terapêutica da sua idéia-força.</p>	<p><b>DIKE</b> - <u>poder de ordenação da equidade</u> - realiza... não apenas, a ordem no mundo, mas também a correção, o rigor do pensamento [DETIENNE, 1988: 37 e 70]</p>
<p><b>INTERESSE DA COMPREENSÃO PARTICIPATIVA DO DISCURSO</b> - associado à função de <i>personalização/instrumentalização</i> - opera a crítica e engenharia de um consenso efetivo ou virtual, de uma objetividade provisória, tensionada entre a perspectiva do eu e do outro... e trabalha a sua instrumentação no mundo da Natureza</p>	<p><b>PÍSTIS</b> - <u>credibilidade da palavra</u> - a fé na eficácia da palavra mágico-religiosa... a confiança que vai de um homem a um deus ou à palavra de um deus... o acordo necessário e constrangedor... requerido pela potência de Alétheia [DETIENNE, 1988: 37]</p>

As tríades do **fazer** e do **agir comunicativos** correspondem, respectivamente, na mitopoética greco-arcaica, às potências interativas de *KUDOS*, à glória que descende dos deuses, como **interpretante** do real; e *KLÉOS*<sup>12</sup>, a glória que passa de boca em boca - a palavra-cantada como o **proferimento** realidade que o poeta institui. As demais categorias triádicas do **fazer** e do **agir comunicativos** emergem, na atividade e na obra do poeta, do adivinho e do rei de justiça, configurados pelas *musas*, que são filhas da MEMÓRIA [Mnemosýne] e designam aspectos da PALAVRA CANTADA [*Mousa*] e das ordenações religiosas: *Meléte, Aoide, Arché e Thelxinoé*.<sup>13</sup> A TABELA 22 explicita a correspondência dessas potências mitopoéticas com os conceitos que articulam o modelo teórico da epistemologia de síntese.

<sup>12</sup> A mesma que “Clío” - musa da glória [Kudos é a outra face da sua ambigüidade mítica].

<sup>13</sup> As epícleses mais antigas da Musas são igualmente reveladoras: muito antes de Hesíodo as Musas existiam em número de três. Eram veneradas em um santuário muito antigo, situado no Hélicon, e chamavam-se *Meléte, Mnéme e Aoide*, cada

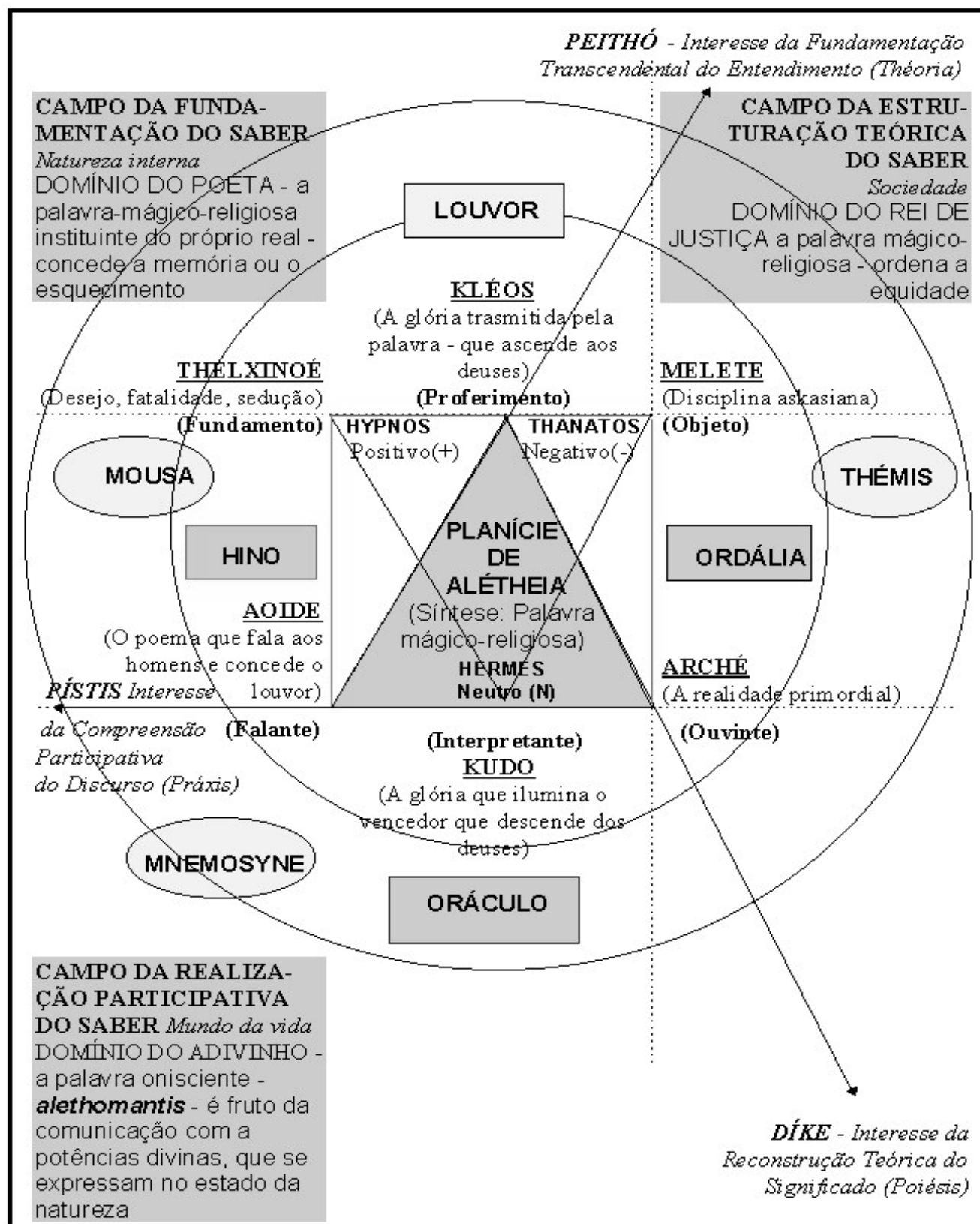
Tabela 22 - Correspondência entre as categorias triádicas do signo em HABERMAS e PEIRCE, no enquadramento teórico da epistemologia de síntese, e as categorias prático-teóricas da cosmovisão mitopoética na Grécia Arcaica.

Categorias da epistemologia de síntese	Categorias da cosmovisão mitopoética
<b>FUNDAMENTO DO REPRESENTÁMEN</b>	<i>THELXINOÉ - a sedução do espírito, o encantamento que a palavra cantada exerce sobre o outro [DETIENNE, 1988: 16]</i>
<b>OBJETO</b>	<i>MELÉTE - designa a disciplina indispensável ao aprendizado do ofício de aedo; é a atenção, a concentração, o exercício mental [DETIENNE, 1988:16]</i>
<b>INTERPRETANTE</b>	<i>KUDOS - é a glória que ilumina o vencedor; é uma espécie de graça divina, instantânea. [DETIENNE, 1988: 19]</i>
<b>FALANTE</b>	<i>AOIDE é o produto, o canto épico, o poema acabado [DETIENNE, 1988: 16]</i>
<b>OUVINTE</b>	<i>ARCHÉ é o princípio, o original, pois a palavra do poeta busca descobrir o original, a realidade primordial [DETIENNE, 1988: 16]</i>
<b>PROFERIMENTO</b>	<i>KLÉOS [ou Clío] é a glória que passa de boca em boca, de geração a geração (...) a façanha, uma vez levada a cabo, toma forma apenas através da palavra de louvor [DETIENNE, 1988:19]</i>

Uma outra correspondência a ser explicitada na reconstrução teórica da lógica mitopoética, segundo o paradigma da epistemologia de síntese, explora o paralelismo das relações diádicas que se estabelecem entre as quatro categorias da totalidade simbólica [**Fundamento - *Thelxinoé*, Objeto - *Meléte*, Falante - *Aoide* e Ouvinte - *Arché*], constituindo as quatro relações originárias de significado de **ALÉTHEIA palavra mágico-religiosa**: [**Significação - palavra-eficaz; Operacionalização - palavra-cantada; Assimilação - palavra-autoritativa; e Acomodação - palavra-onisciente**]. Consubstanciam-se essas relações, à sua vez, em quatro díades da representação dos saberes, caracterizando-se mais uma vez o paralelismo, que permite a reconstrução teórica da cosmovisão mitopoética no modelo conceitual da epistemologia de síntese: **Filosofia - *Hino*; Arte - *Louvor*; Religião - *Ordália*; Ciência - *Oráculo***. [O **Quadro 19** articula todos esses conceitos no modelo diagramático da epistemologia de síntese.]**

uma delas levava o nome de um aspecto essencial da função poética. (...) Outras nomenclaturas são ainda atestadas. Cícero refere-se a uma, em que as Musas aparecem em número de quatro: ***Arché, Meléte, Aoide e Thelxinoé***. [DETIENNE, 1988: 16]

**Quadro 19 - Resgate das categorias mitopoéticas de ALÉTHEIA (PALAVRA-MÁGICO-RELIGIOSA) no modelo paradigmático da epistemologia de síntese.**



A análise do **Quadro 19** ressalta a emergência embrionária de três praxiologias:

- a) MNEMOSYNE - memória - potência genérica da capacidade adivinatória: uma onisciência que se utiliza de técnicas várias - por exemplo, o recurso incubatório do sono hipnótico [HYPNOS], como uma praxiologia [MÂNTICA] do conhecimento;
- b) MOUSA - potência genérica da capacidade laudatória do poeta: uma capacidade psicológica de recitação e improvisação [MNÉME] instituinte do próprio real [observe-se, que o próprio radical comum de Mnemosyne e Mnéme, estabelece a dependência entre essas duas primeiras praxiologias];
- c) THÉMIS - potência genérica da capacidade ordenatória do *Ánax* - o rei de justiça: uma praxiologia edilícia, construída pela ascése dos julgadores que lhes assegura a interpretação dos auspícios e sua imposição autoritativa como editos reais [THEMISTES].

**Métodos de observação** e descoberta; a disciplina e o **aprendizado da comunicação**; e critérios de **tomada de decisão**, integram, assim, os conteúdos embrionários, na cosmovisão mitopoética [denotadas pelas potências de MNEMOSYNE, MOUSA e THÉMIS], que correspondem às três praxiologias [TÉCNICA, EDUCAÇÃO e TERAPIA] na epistemologia de síntese. [É importante, aqui, atentar-se para a ligação íntima, na sua própria origem, entre as praxiologias terapêuticas, na cosmovisão mitopoética e na atualidade, em um dos seus aspectos mais expressivos, que é a distribuição da justiça.]

Na divisão estrutural do conhecimento, o HINO - saber que se expressa como **palavra-cantada** - manifesta a lógica e a metafísica da cosmovisão arcaica, numa relação de significação, que se estabelece entre o poema que se diz e a sedução própria do seu conteúdo. O HINO é, assim, a manifestação consciente e derivada de uma cosmovisão, que elabora o sentido da sua “verdade”. O LOUVOR - **palavra-eficaz** - operacionaliza o conteúdo dessa relação, num amálgama estruturante, que expressa e articula a sedução e a disciplina da glória que se transmite pela obra do poeta. É a consciência ativa de uma civilização oral, que sacraliza a memória como condição de autoconsciência e reprodução cultural. O ORÁCULO - **palavra-onisciente** - reflete essa condição em ação, ou em sistemas de ação, destinados a assegurar o papel central da glória - como um atributo do vencedor - no cotidiano da vida social, até mesmo como uma cristalização das necessidades e desejos da sociedade. E a ORDÁLIA - **palavra-autoritativa**, nas suas várias manifestações terrestres e marítimas, assegura a assimilação dessa cosmovisão e a sua capacidade de ordenação da equidade e realização da justiça.

É surpreendente que mais de dois e meio milênios se tenham passado até que, afinal, a concepção triádica do signo em PEIRCE recupere e resgate para a ciência acadêmica o sentido próprio da “ambigüidade” mitopoética, que foi esfacelada pela “sofística” e sepultada pela “metafísica”. O que, afinal, confirma o seu imaginário: as MUSAS que concedem a glória, podem, também, retirá-la; quem bebe nas fontes de MNEMOSYNE, deve também beber das águas de LÉTHER - não existe memória, sem esquecimento... até porque é preciso esquecer o que é circunstancial para lembrar o que é essencial.

Entre a **originalidade** [como primeiridade] e a sua **obsistência** [como secundidade], intervém a **transuasão** [como terceiridade]. É exatamente essa a lógica que prevalece na teogonia dos poetas. Entre o “positivo” e o “negativo”, intervém a realidade própria do “neutro”. Ninguém melhor do que **HERMES, o andrógino** [as vezes também figurado pela duplicidade representada por duas crianças], ou **HERA, de dupla face** [a lua branca e negra], para caracterizar essa função e essa condição existencial da realidade.



Ao retornar sobre o passado arcaico, nesse teste crucial da epistemologia de síntese, reaprendemos o sentido próprio dessa condição reprimida, que é essencial à harmonia dos contrários porque assegura a sua cooperação, no caráter “mensageiro” do andrógino. A terceiridade, como parte consubstancial da dialética triádica, é a condição necessária, no plano teórico e existencial, para uma solução em *soma-variável*, das contradições polares que toda a tradição civilizatória nos tem apresentado em conflitos de *soma-zero*. E assim como esse resgate nos sugere essa reflexão, nos adverte também sobre as condições políticas, sociais e culturais, que viabilizaram essa ruptura epistemológica, primeira e radical. No bojo dessa ruptura tem origem o processo hegemônico da razão instrumental que descarta, junto com a “imprecisão” relativa da teogonia dos poetas [que reflete as limitações do seu instrumento de trabalho: a palavra numa “civilização oral”], a “ambigüidade” como suspensão do juízo e transuasão hermenêutica. A rejeição da “ambigüidade” - requisito indispensável à afirmação da tolerância, como solidariedade militante - abre o campo para a implosão em “contradições” de uma sociedade, a partir de então, cada vez mais dividida, entre o gozo fragmentário da liberdade e a afirmação totalitária da igualdade.

## 6.2. *Teogonia de APÁTE - palavra-instrumento: aprofundamento da “ambigüidade” da cosmovisão mitopoética no esfacelamento da “verdade” pela sofística*

A configuração das potências míticas em *Alétheia*, enfrenta um desafio de morte nos processos de laicização da civilização grega, que remontam à prática social das suas expedições guerreiras, e terminam por institucionalizar a “democracia” dos sofistas. DETIENNE surpreende essas transformações de forma original, detalhada e surpreendente, no capítulo de seu livro<sup>14</sup> em que descreve as implicações mútuas da institucionalização de um “**espaço público**”, no centro [*méson*] das assembléias guerreiras [*agón*], onde a partilha do butim [os despojos recolhidos pela expedição, que, por definição, constituem “**o que é depositado no centro**”] igualava todos os componentes [*ison*] do grupo social.

O direito comum aos despojos é uma decorrência da solidariedade orgânica exigida pela nova forma de combate, a falange hoplita, que substitui-se, como tecnologia guerreira, ao confronto desordenado e anárquico onde predominavam os valores individuais. No mesmo espaço, do centro - *méson* - da assembléia dos guerreiros, como privilégios destes, a **palavra** se subroga nos mesmos atributos do **butim** - é direito e privilégio dos guerreiros. Assim como deve ser respeitada a partilha que for acordada, para que a falange se mantenha solidária, passa a ter força de lei aquilo que for decidido no centro da assembléia. Crescentemente, a condução do exército é uma qualidade que se desloca da bravura no campo de batalha para a argumentação no centro da assembléia. Posteriormente, com a reforma política, o que fora o privilégio dos guerreiros passará a ser um atributo da cidadania, no *ágora* da *pólis*. E o comando da cidade passa às mãos daqueles que se especializam na arte da retórica.

Esse fundamento na centralidade [de um espaço público], baseada na igualdade dos participantes no processo de comunicação, enraizou nas origens do nosso processo civilizatório: representa-se no

---

<sup>14</sup> **O Processo de Laicização.** *Por mais absoluto que seja o império da palavra mágico religiosa, alguns meios sociais parecem ter escapado de sua influência. Desde a época mais remota, possuem um outro tipo de palavra: a palavra-diálogo. Estes dois tipos de palavra opõem-se em toda uma série de pontos: a primeira é eficaz, intemporal; é inseparável das condutas e dos valores simbólicos; ela é o privilégio de um tipo de homem excepcional. Ao contrário, a palavra-diálogo é laicizada, é complementar à ação, inscrita no tempo, provida de uma autonomia própria e ampliada às dimensões de um grupo social. Este grupo social é formado pelos homens especializados na função guerreira, cujo estatuto particular parece prolongar-se desde a época micênica até a reforma hoplita, que marca o fim do guerreiro como indivíduo particular e a extensão dos seus privilégios ao cidadão da Cidade.* [DETIENNE, 1988: 45].

significado da “**mesa**” de negociação, onde a palavra é privilégio e prerrogativa do que sentam para, em igualdade de condições, estabelecer as bases da solução pacífica de um conflito.

A substituição de *Alétheia* [palavra-mágico-religiosa], correspondendo à expressão ou ao serviço da soberania pelo rei ou pelo poeta, operada pela hegemonia de *Apáte* [palavra-instrumento], é, antes de tudo, um fenômeno político-social-cultural; mas as condições intelectuais, que asseguram essa transição, estão todas postas, desde antes de se afirmar a nova hegemonia, na ambigüidade do **mito** e na própria estrutura lógica da cosmovisão arcaica. É assim que, na passagem do período arcaico para o período clássico da Grécia antiga, a **sofística**, acompanhando o desenvolvimento e as exigências da técnica de guerra, promove uma efetiva refundição das categorias e conceitos que povoavam a cosmovisão mitopoética: onde se conjugava a “ambigüidade”, se aceita e se aprofunda a “contradição”; onde o valor - como a glória - constituía um elo de ligação necessária entre o sujeito do desejo e o objeto da sua satisfação, estabelece-se uma nova mediação, de caráter mais prosaico e nunca definitivo - a **opinião pública** - a circunstancialidade da “*doxa*”.

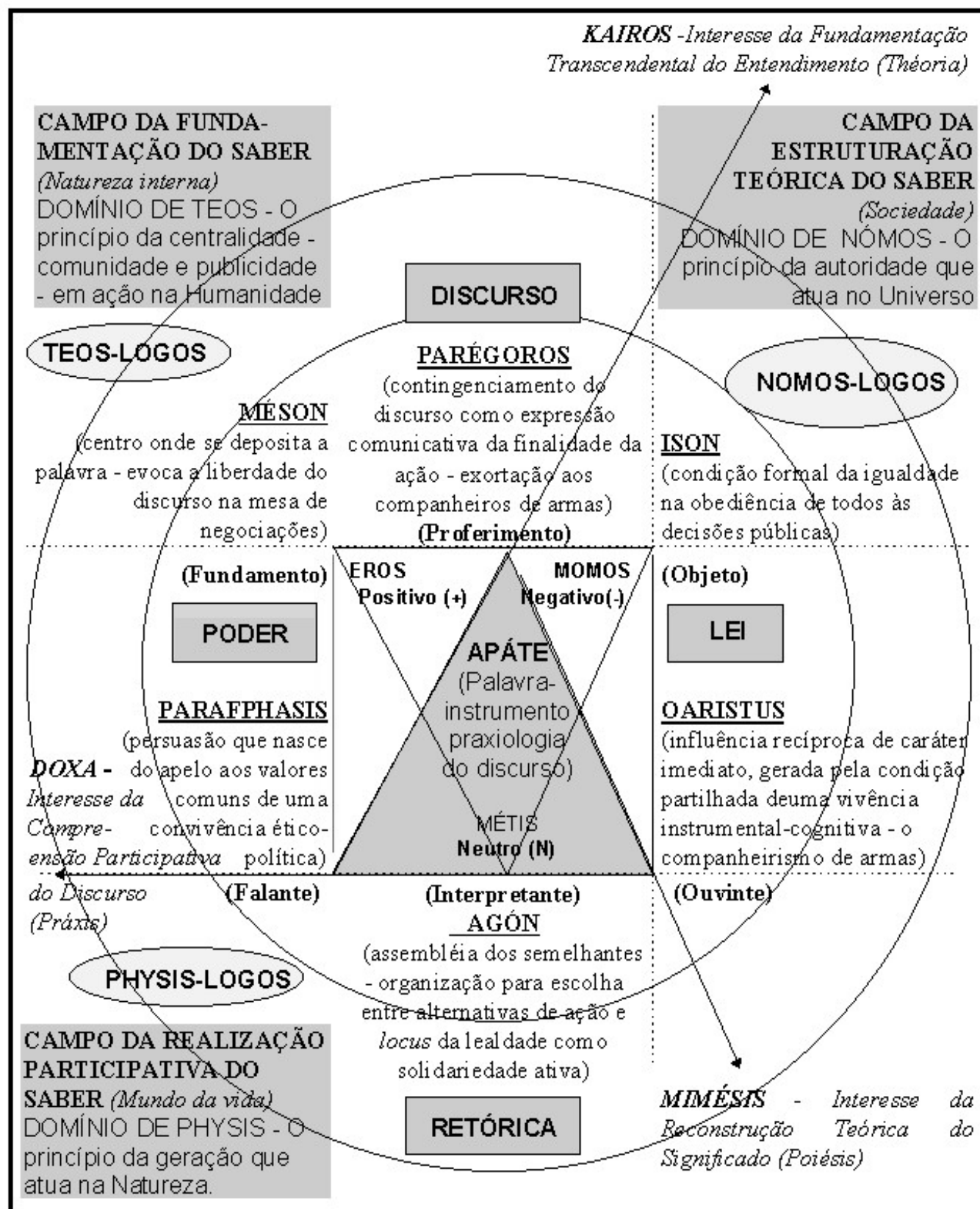
Daí porque não se trata de uma mera substituição de visões de mundo; que procedesse pela explosão de uma determinada tradição e sua substituição por outra. O processo de laicização - ao menos no conteúdo próprio da sofística - ao contrário do que parece indicar DETIENNE, se nos afigura uma implosão das categorias e conceitos do **mythos**, acompanhada de uma refundição da sua estrutura lógica. A cosmovisão mitopoética desaba para dentro da sua própria “ambigüidade”. A ruptura promovida por *APÁTE* [palavra-instrumento] com a centralidade conceitual de *ALÉTHEIA* [palavra-mágico-religiosa], processa toda uma substituição de categorias na mesma estrutura lógica da cosmovisão mitopoética. Essas alterações denunciam a hegemonia de uma estrutura alternativa de poder social; mas a sofística não acrescenta ou retira qualquer traço na estrutura de pensamento da cosmovisão arcaica.

A refundição na teogonia de *ALÉTHEIA* [palavra mágico-religiosa], introduzida pela reforma hoplita e aprofundada, posteriormente, pela sofística, desvela potencialidades da cosmovisão mitopoética insuscetíveis de serem exploradas no ambiente aristocrático do período arcaico - mais especificamente, no bojo de um movimento social democratizante, libera-se o potencial emancipatório do entendimento.

Essas modificações são mais facilmente identificadas a partir da redefinição dos interesses epistemológicos, que corresponde à nova hegemonia política e social. À força da persuasão de *Peithó* mítica, substitui-se a determinação de um destino, que é ao mesmo tempo estruturado e contingente, no sentido próprio de um *Kairos* - como o “*tempo da ação humana possível*” [cfr. AUBENQUE, cit. em DETIENNE, 1981:59] ou a condição básica da *contingência e da ambigüidade* [DETIENNE, 1981:59].

Ao mesmo tempo, as substituições ocorridas ao nível dos outros dois interesses epistemológicos [da legitimidade ordenatória de *Dike*, pelo efeito de semelhança do real na interpretação, propiciado pela *Mimésis*; e da crença fundamentada na força da expressão verídica da palavra, representada na *Pístis*, pela circunstancialidade decisória da *Doxa*], operam uma verdadeira subversão no sentido articulado das categorias do conhecimento. [O **Quadro 20**, a seguir, figura as modificações conceituais que permitem surpreender o impacto da laicização na cosmovisão mitopoética.]

**Quadro 20 - Análise do processo de laicização - um resgate das categorias mitopoéticas de APÁTE (PALAVRA-INSTRUMENTO).**



Na cosmovisão arcaica de *ALÉTHEIA* [palavra mágico-religiosa] os interesses epistemológicos da *Peithó*, *Díke* e *Pístis* articulam uma estrutura de entendimento que se funda na pretensão de uma correspondência “verdadeira” entre o discurso e a realidade que ele conforma ao seu próprio enunciado, submetendo-a, portanto, à autoridade do poeta, do adivinho ou do rei de justiça. A cosmovisão resultante da nova hegemonia social, da sociedade hoplita, articula os interesses epistemológicos de *Kairos*, *Mimésis* e *Doxa*, de sorte a implodir-se aquela pretensão, abrindo-se todo um campo de desenvolvimento à liberdade do conhecimento.

A teogonia de *APÁTE*, levada às suas últimas conseqüências pela sofística, é emancipatória pelo seu fundamento, que **contempla a emergência do conceito do LOGOS palavra-diálogo**, mas o remete, na teogonia da sua ambigüidade, à condição de uma mera “**praxiologia**” do discurso [como *teos-logos*, *nomos-logos* ou *physis-logos*]. Aqui, a palavra-diálogo ainda não refere à realidade de *ALÉTHEIA*, mas destina-se à mera instrumentação dos interesses de *APÁTE*, expressos pelas potências míticas de *KAIROS*, *MIMÉISIS* e *DOXA*, e nisso desencadeia uma nova ambigüidade - emulando o princípio da contradição, que terá profunda repercussão no curso da civilização ocidental. *Kairós*, introduzindo a submissão de todo discurso transcendental às determinações estruturais do destino-humano-possível; *Mimésis*, reinando solitária como condição de credibilidade ao significado do mundo reconstruído; e *Doxa*, contingenciando toda a manifestação discursiva da compreensão, à provisoriade de um saber inexato - que se reconhece como tal - esfacelam qualquer pretensão de uma “verdade”, que seja expressão de uma efetiva correspondência entre a palavra e a realidade.

É a partir do impacto das categorias da *KAIROS*, *MIMÉISIS* e *DOXA*, na estrutura da cosmovisão mitopoética, que se configura a teogonia de *APÁTE* como palavra-instrumento, cuja eficácia na articulação dos interesses da nova hegemonia política e social, lhe permitirá resistir à crítica sistemática, que lhe vão opor as seitas filosófico-religiosas e a própria metafísica. A concepção instrumental do processo de comunicação, a partir daí, vai subsistir, como um campo de referência, ao longo de todo o processo da civilização ocidental, para, afinal, tornar-se culturalmente hegemônica no caudal cientificista da Idade Moderna. Inobstante os seus efeitos sociais e ecológicos, dramáticos neste final de ciclo civilizatório, os avanços da nova cosmovisão sobre o estatuto de conhecimento mitopoético foram notáveis e irreversíveis.

**Tabela 23 - Correspondência entre os conceitos dos CAMPOS DE ATUALIZAÇÃO DO SABER, na epistemologia de síntese e as categorias prático-teóricas da cosmovisão mitopoética na Grécia Arcaica.**

<b>Categorias da epistemologia de síntese</b>	<b>Configuração de ALÉTHEIA: palavra mágico-religiosa</b>	<b>Configuração de APÁTE: palavra-instrumento</b>
<b>CAMPO DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO SABER</b> - sede da <i>Natureza interna</i> (ilimitada comunidade de comunicação), como um <i>transcendental imanente</i> - <b>sistema de personalidade.</b>	<b>DOMÍNIO DO POETA</b> - a palavra-eficaz institui a realidade, outorga a glória - <i>Kléos</i> - e concede, assim, no canto épico de louvor, a memória ou o esquecimento aos atos dos homens...	<b>DOMÍNIO DE TEOS</b> - O princípio da centralidade - publicidade em ação na Humanidade. Constituição do <b>espaço público</b> - fundamento da soberania - e garantia da liberdade.
<b>CAMPO DA ESTRUTURAÇÃO TEÓRICA DO SABER</b> - sede da <i>Sociedade</i> - como o <b>sistema cultural</b> , onde o conhecimento se estrutura simbolicamente.	<b>DOMÍNIO DO REI DE JUSTIÇA</b> - a palavra-autoritativa - <i>themistes</i> - traduz em ordenação social o conhecimento mágico-religioso.	<b>DOMÍNIO DE NÓMOS</b> - O princípio da autoridade que atua no Universo. Campo da Justiça que se estrutura sobre a idéia de fraternidade - como <b>igualdade perante a Lei.</b>
<b>CAMPO DA REALIZAÇÃO PARTICIPATIVA DO SABER</b> - sede do <i>Mundo da vida</i> - como espaço do <b>enquadramento orgânico e físico</b> da sociedade.	<b>DOMÍNIO DO ADIVINHO</b> - a palavra onisciente - <i>alethomantis</i> - é fruto da comunicação com a potências divinas, que se expressam no estado da natureza.	<b>DOMÍNIO DE PHYSIS</b> - O princípio da geração que atua na Natureza. Campo da decisão para a <b>intervenção social</b> [ação dos iguais] - seja como exército ou como assembléia.

A *Natureza interna* (que designa o CAMPO DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO SABER) deixa de ser um campo de declaração do real, para tornar-se um campo de postulação do estatuto da realidade. Da concessão da memória - no mito -, à reivindicação da palavra pelo diálogo, processa-se uma evolução que funda uma nova ordem do Saber, construída sobre o reconhecimento do caráter humano dos seus fundamentos. Nesse processo, evolui-se de uma sociedade “pré-política” a uma sociedade “política”, onde se distingue o interesse individual do interesse coletivo, onde a realização do **interesse coletivo** está associada à **publicidade** da sua postulação, onde é reconhecida a **igualdade** de todos os semelhantes a essa postulação, e onde, portanto, a **soberania** pertence a cada um e, assim, a todos.

Todo esse desenvolvimento é comandado pelo princípio da “centralidade” - o que é comum deve ser decidido no centro da assembléia. É nesse espírito que Tales “aconselhou a criação de um bouleutérion único, que estaria em **Téos**, que por sua vez se encontrava no centro da Jônia (...) Centro geométrico do mundo jônico, **Téos** se tornaria, assim, o ‘lar comum’ da cidade, seu centro político, o lugar dos ‘assuntos

comuns' (...) **Téos** ocuparia, então, a mesma posição que a 'cidade' na Atenas clisteniana, na Atenas 'isonômica' do século VI". [DETIENNE, 1988: 52]

A **Sociedade** (que designa no Campo da Estruturação Teórica do Saber), deixa de ser um espaço de ordenação arbitrária da sabedoria individual, para tornar-se um espaço de instituição da ordem, pelo consentimento e, assim, pela formalização dos seus procedimentos - para todo saber haverá uma explicação formal, para toda norma corresponderá um contrato. A imposição dos editos reais é substituída pela votação da lei nas assembleias; ao juramento dos deuses, se contrapõe o consenso do povo.

Nesse processo evolui-se de uma ordenação social divina e atemporal - e assim "pré-direito" - a uma ordem humana possível fundada no "direito". De um lado, o caráter monocórdio da formação do juízo, na solução dos conflitos pela autoridade real, é substituído pelo contraditório, que reconhece a dignidade das partes e a necessidade de ouvir e decidir sobre as suas alegações:

"Os juramentos que decidiam através da força religiosa dão lugar à discussão que permite à razão dar suas razões, e oferecer, assim, ao juiz a oportunidade de formular uma opinião depois de ter ouvido o pró e o contra. Triunfa o diálogo.[DETIENNE, 1988: 54] De outro lado, o poder de decisão se transfere, da autoridade real para a soberania dos semelhantes: (...) rei recorre à "persuasão", como qualquer orador. Não fala mais do alto de sua função, mas faz um discurso diante de uma assembleia, onde o voto reside na maioria. Seu antigo privilégio transforma-se naquele das decisões coletivas." [DETIENNE, 1988: 58]

O **Mundo da vida** (que designa o Campo da Realização Prática do Saber), por sua vez, deixa de ser um ambiente de mera perscrutação dos auspícios da fatalidade cósmica, para tornar-se um campo de intervenção demiúrgica. Da palavra onisciente à retórica, da perscrutação dos auspícios à movimentação mágica das energias naturais, da mântica incubatória dos amantes de **Mnemosyne**, à destreza e à habilidade técnica dos discípulos de **Métis**, a nova cosmovisão é, sobretudo, intervencionista. E assim, também, reducionista mas democrática: a ciência realiza-se como capacidade de dominação da natureza, limitando-se ou se acomodando nos nichos do conhecimento parcelar e nas técnicas de aprendizagem que lhe permitem a sua mais fiel reprodução.

"Até Simônides, a memória era um instrumento fundamental para o poeta: era uma função de caráter religioso que lhe permitia conhecer o passado, o presente e o futuro. (...) Com Simônides, a memória torna-se uma técnica secularizada, uma faculdade psicológica que cada um exerce mais ou menos segundo regras definidas, regras postas ao alcance de todos." [DETIENNE, 1988:57]

A mudança secularizante, introduz a separação entre o significante e o significado. De um lado, o corpo social, a falange hoplita e, afinal, a assembleia do **demós**, como uma presença determinante, fundamento imanente do agir e do fazer comunicativos; de outro lado, o discurso, definindo o significado adequado à ocasião, conforme é manejado na centralidade do espaço público, pela destreza profissional dos interlocutores da palavra-diálogo. [As **Tabelas 24 e 25**, explicitam o paralelismo dos conceitos, que realizam essa ruptura].

Tabela 24 - Correspondência entre os conceitos dos INTERESSES EPISTEMOLÓGICOS, na epistemologia de síntese e as categorias prático-teóricas da cosmovisão mitopoética na Grécia Arcaica.

Categorias da epistemologia de síntese	Configuração de ALÉTHEIA: palavra mágico-religiosa	Configuração de APÁTE: palavra-instrumento
<p><b>INTERESSE DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO ENTENDIMENTO</b> - associado à função de <i>legitimação</i> do saber</p>	<p><b>PEITHÓ</b> - persuasão que rege o impacto da “verdade” sobre o outro.</p>	<p><b>KAIROS</b> - palavra-secular - humana e possível, construída sobre um espaço-tempo socialmente determinado, condição para a emergência, ainda que instrumental, da palavra-diálogo - <i>da palavra que se submete à “publicidade” e que tira sua força do assentimento de um grupo social</i> [DETIENNE, 1988: 51]</p>
<p><b>INTERESSE DA RECONSTRUÇÃO TEÓRICA DO SIGNIFICADO</b> - associado à função de <i>institucionalização</i>, assegura o conteúdo hipotético da objetividade alcançada - na reconstrução teórica e apropriação terapêutica da sua idéia-força.</p>	<p><b>DIKE</b> - <i>realiza... não apenas, a ordem no mundo, mas também a correção, o rigor do pensamento</i> [DETIENNE, 1988: 37 e 70]</p>	<p><b>MIMÉISIS</b> - palavra-semelhança - substitui a crença na verdade, fundada na capacidade técnica de produzir uma semelhança da verdade; uma <b>representação do real</b>, que lhe seja tão próximo, quanto capaz de reproduzi-lo ou reconstruí-lo por justaposição.</p>
<p><b>INTERESSE DA COMPREENSÃO PARTICIPATIVA DO DISCURSO</b> - associado à função de <i>personalização /instrumentalização</i> - opera a crítica e engenharia de um consenso efetivo ou virtual, de uma objetividade provisória, tensionada entre a perspectiva do eu e do outro...</p>	<p><b>PÍSTIS</b> - <i>a fé na eficácia da palavra mágico-religiosa... a confiança que vai de um homem a um deus ou à palavra de um deus... o acordo necessário e constrangedor... requerido pela potência de Alétheia</i> [DETIENNE, 1988: 37]</p>	<p><b>DOXA</b> - palavra-circunstância - <i>forma de conhecimento que convém ao mundo da mudança, do movimento, ao mundo da ambigüidade, da contingência (...)</i> veicula, então, duas idéias solidárias: a de uma escolha; e a de uma escolha que varia em função de uma situação (...) É, por excelência, o verbo da “decisão” política. [DETIENNE, 1988: 60]</p>

**Tabela 25 - Correspondência entre as categorias triádicas do signo em HABERMAS e PEIRCE, no enquadramento teórico da epistemologia de síntese, e as categorias prático-teóricas das teogonias de ALÉTHEIA [palavra mágico-religiosa] e APÁTE [palavra-instrumento].**

<b>Categorias da epistemologia de síntese</b>	<b>Configuração de ALÉTHEIA: palavra mágico-religiosa</b>	<b>Configuração de APÁTE: palavra-instrumento</b>
<b>FUNDAMENTO DO REPRESENTÁMEN</b>	<b>THELXINOÉ</b> - a sedução do espírito, o encantamento que a palavra cantada exerce sobre o outro [DETIENNE, 1988: 16]	<b>MÉSON</b> - centro do Conselho/ Assembléia dos guerreiros, onde eram depositados os despojos da guerra e a palavra da sua condução
<b>OBJETO</b>	<b>MELÉTE</b> - designa a disciplina indispensável ao aprendizado do ofício de aedo; é a atenção, a concentração, o exercício mental [DETIENNE, 1988:16]	<b>ISON</b> - a condição de igualdade que irmana os guerreiros da falange hoplita, pela necessidade da sua cooperação disciplinada na formação de combate
<b>INTERPRETANTE</b>	<b>KUDOS</b> - é a glória que ilumina o vencedor; é uma espécie de graça divina, instantânea. [DETIENNE, 1988: 19]	<b>AGÓN</b> - os guerreiros reunidos em Conselho e as próprias regras da Assembléia como o princípio decisório da palavra instrumental
<b>FALANTE</b>	<b>AOIDE</b> é o produto, o canto épico, o poema acabado - instituído-instituinte do real pela memória que registra do vivido [DETIENNE, 1988: 16]	<b>PARÁFPHISIS</b> - o novo caráter da persuasão, que emerge da experiência comum na profissão da guerra
<b>OUVINTE</b>	<b>ARCHÉ</b> é o princípio, o original, pois a palavra do poeta busca descobrir o original, a realidade primordial [DETIENNE, 1988: 16]	<b>OARISTUS</b> - o reconhecimento da influência recíproca entre os semelhantes - os pares da profissão - que viabiliza do consenso
<b>PROFERIMENTO</b>	<b>KLÉOS</b> [ou Clío] é a glória que passa de boca em boca, de geração a geração [DETIENNE, 1988:19]	<b>PARÉGOROS</b> - o discurso, como instrumento de intervenção circunstanciada, visando a consecução de uma finalidade: o desempenho na guerra



### **6.3 Reconstrução tentativa do quadro epistemológico das seitas filosófico-religiosas: um parâmetro para o resgate de *Alétheia* - palavra-realidade.**

GRIJÓ [1995] apontou, tentativamente, para uma correspondência conceitual das categorias da epistemologia de síntese com as categorias resultantes de uma tentativa de resgate da cosmovisão mitopoética - da cosmovisão abalada pelo processo de racionalização na Grécia arcaica - como afinal foram recolhidas na tradição das seitas filosófico-religiosas. Trata-se, já, de um terceiro momento na evolução do quadro categorial da cosmovisão mitopoética, em que ressalta uma segunda refundição do *mythós* no *lógos*, sem que, no entanto, estes conceitos se tornem mutuamente caudatários.

A **laicização** avançou conquistas irreversíveis na conformação do universo intelectual da Grécia clássica - a partir da sua afirmação hegemônica, poderia se dizer que a perscrutação da verdade nos **Arquétipos** declaratórios do mito, passa a ser confrontada pela sua derivação dos **Princípios**, que asseguram o diálogo e fundam o consentimento dos cidadãos. E o conflito social subjacente encarregou-se de polarizar esse confronto em duas correntes de pensamento, que se afastam, até pela relação de marginalidade ou envolvimento que seus membros cultivam relativamente aos negócios da cidade-Estado. De um lado, as **seitas filosófico-religiosas** [órficos e pitagóricos] estruturam-se em comunidades iniciáticas, buscando um resgate da Tradição comprometida pelos novos procedimentos da democracia guerreira. De outro, a influência da hegemonia hoplita sobre as instituições da pólis impulsiona a **sofística** como filosofia de vida.

A **tecnologia do consenso** - instrumento de decisão e de poder na cidade - reflete a **emergência do espaço público**, a centralidade do discurso e a instrumentalidade do debate e da opinião dos cidadãos. A habilidade retórica disputa a autoridade dos oráculos na tomada das decisões sociais. Mas a **instabilidade política** e a **inconsistência moral** da sofística desencadeiam uma segunda linha de reação - que busca fundamentos racionais para o processo de laicização: a **metafísica**. Na sistematização aristotélica, a metafísica operacionaliza uma **dupla ruptura epistemológica** (bem ao estilo do que hoje propõe SANTOS [1989], relativamente ao cientificismo): de um lado, **reitera a primeira ruptura com o mito**, operada pelo movimento de laicização que redundara na sofística; e, de outro, **promove uma segunda ruptura com a própria sofística**, buscando estabelecer as condições de acesso à verdade essencial - à causa primeira - da qual as verdades circunstanciais poderão ser deduzidas, de sorte a quebrar-se o relativismo e o amoralismo de *Apáte* - palavra-engano.

As **seitas filosófico-religiosas**, por sua vez, haviam buscado uma solução ainda mais radical: **questionaram as próprias bases em que fora realizada a primeira ruptura**, do processo de laicização com o mito, para nisso resgatar a dignidade própria do entendimento comum, da lógica subjacente às interpretações míticas; **e promoveram, a seguir, uma refundição de conteúdos**, que se apresentou como uma linha de desenvolvimento alternativa tanto à sofística, como à sua contradição pela metafísica. Nas seitas filosófico-religiosas buscou-se uma relação homem-natureza, e, assim, uma concepção de tecnologia que não implicasse **nem a alienação da natureza** [seja pelo desdém que lhe reserva a sofística, seja pela submissão que lhe tributa a hedonística], **nem a oposição dualista homem-natureza**, com que a metafísica vai abrir o caminho para a dominação racionalista do homem-contra-a-natureza.

As seitas filosófico-religiosas buscaram o equilíbrio<sup>15</sup> - em antecipação da problemática contemporânea de uma solução ecologista ao desafio da técnica - que não é **nem a negação da relação produtiva** que se estabelece entre o homem e a natureza, de sorte a reconhecer-se que o natural está indissociavelmente articulado ao humano; **nem o desconhecimento que existem limites de compatibilidade**, na relação homem-natureza, como aliás em qualquer outra relação sistêmica, além dos quais a ruptura do equilíbrio relacional é previsível e danosa. Limites esses que são, em muitos casos, inteiramente previsíveis e passíveis de serem evitados; e em outros casos, podem ser tidos como totalmente imprevisíveis, sinalizando de alto risco, portanto, as intervenções orientadas à sua exploração.

Duas ordens de problemas para lidar com a ambigüidade dessa relação - que envolve a disposição respeitosa das potências naturais pelo homem - foram tentativamente equacionadas pelas seitas filosófico-religiosas. De um lado, no que refere ao aspecto substantivo da configuração de ***Alétheia* palavra-realidade**, o entendimento comum do mito é resgatado como um ponto de partida: **mythós é uma solução provisória e um conteúdo de verdade** que perpassa todas as divisões do saber - na filosofia será esclarecida a sua lógica, na arte sua estética, na ciência o seu conteúdo hipotético e na religião seu impacto na relação entre as consciências. De outro lado, a preocupação nítida com a articulação das praxiologias [educação-terapia-técnica] e o reconhecimento da autonomia e reflexividade do fazer e do agir comunicativos no ambiente social, em condições de precária previsibilidade dos seus efeitos - até pelo desenvolvimento incipiente da própria ciência - determina o estabelecimento de **critérios de barragem e condições privilegiadas de acesso ao conhecimento**, que constituem o processo iniciático das seitas filosófico-religiosas.

A par das determinações sociais que favoreceram a hegemonia do cientificismo, é provável que uma contradição interna no imaginário das seitas filosófico-religiosas - entre a sua perspectiva ecumênica e holista no afrontamento dos saberes, e as condições restritivas do acesso ao conhecimento no seu caráter iniciático - tenha cobrado a essa tradição uma dificuldade adicional no seu enfrentamento. A crise paradigmática em que hoje naufraga a modernidade, no entanto, implode essa contradição: de um lado, os **desenvolvimentos autônomos do conhecimento**, externos ao processo iniciático dos cultos filosófico-religiosos, **violaram o sanctus de suas possíveis ou efetivas reservas de saber**, tornando-as inócuas na sua pretensão de limitar o impacto ou alcance no uso das tecnologias de transformação da natureza; de outro lado, **o imperialismo da ciência, marginalizou forças sociais, saberes e praxiologias**, cuja integração se impõe hoje, no escopo de um desenvolvimento massivo da consciência Humanidade, como condição de sobrevivência da própria espécie.

---

<sup>15</sup> “O que pretendo resgatar aqui é justamente o ponto em que as seitas filosófico-religiosas, caracterizadas por seus mistérios (seitas fechadas aos iniciados), privilegiando *Alétheia* como central no sistema de pensamento e em conexão com antigas potências religiosas resignificadas no paradigma da palavra-diálogo, propõem uma perspectiva holista sob o ponto de vista do conhecimento. Este último é a via de acesso/ascese do homem à integração deste à **physis**. Ao contrário dos sofistas que pouco se interessam pelas coisas da **physis** ou dos metafísicos que, em certo sentido tributário dos sofistas, opõem **physis** e homem (o “animal” político do estagirita é um pouco tal oposição), as seitas filosófico-religiosas procuram a integração. A via para tal é o conhecimento (os pitagóricos reduzem as coisas aos números, conhecer a matemática é desvendar o mistério do Ser e via para atingi-lo). A filosofia que chamei “metafísica” (Platão-Aristóteles) é tanto tributária das concepções das seitas mágico-religiosas quanto dos retórico-sofistas, mas ultrapassando-as no sentido de criar sistemas filosóficos mais complexos e mais abstratos, perdendo, contudo, neste processo, o contato com as origens “físicas” do **lógos**, ou da lógica do pensamento baseado na palavra-diálogo, e operando uma ruptura radical com o **mythos**. [GRIJÓ, 1995 -Sublinhei]

É nesse contexto, que uma tentativa de reprodução do paradigma epistemológico das seitas filosófico-religiosas poderá contribuir na reflexão da crise paradigmática contemporânea. Trata-se de aprofundar o seu potencial: pelo **resgate de um saber que, na sua origem, foi integrador e agora se exige ecumênico;** e pela **ampliação da sua acessibilidade ao conjunto das forças sociais,** capazes de se opor, efetivamente, ao escopo de auto-destruição que emerge nos sucessos e frustrações da civilização cientificista.<sup>16</sup>

A teogonia de ***Alétheia palavra-realidade***, como designamos a tentativa de reconstrução do imaginário das seitas filosófico-religiosas, é um caldo de culturas que vai desaguar numa Tradição que, durante vinte séculos [até o fim do Século XVI], vai dividir com o racionalismo dualista a hegemonia do saber. Está presente na lógica pré-cientificista da semelhança, que FOUCAULT [1995] descreveu com brilhantismo, caracterizando-a nas quatro operações da ***convenientia, aemulatio, analogia e simpatia***, que assinalam seus desenvolvimentos nos quatro saberes parcelares, respectivamente, da RELIGIÃO, da CIÊNCIA, da FILOSOFIA e da ARTE.

A utilização dessas categorias operativas, no bojo de uma Tradição sobrevivente de 2.000 anos, deu origem a desenvolvimentos do saber que fundaram as bases da ciência moderna pela descoberta de muitos dos seus elementos químicos [como é o caso da obra de PARACELSO] e de princípios terapêuticos, que desafiam os métodos da ciência tradicional e, mesmo assim, forçam passagem pela eficácia dos seus procedimentos e reconquistam seu lugar na Academia - como é o caso da homeopatia unicista codificada por HANNEMAN em seu famoso *Organon de l'art de guérir*.

Há, nesse particular, uma lição a retirar da praxiologia que emerge no paradigma das seitas filosófico-religiosas. Por mais que tenha avançado o cientificismo-técnico, propulsionado pelo princípio parcializante da RAZÃO, existem domínios arquetipais que lhe oferecem obsistência e que, no entanto, se deixam plasmar pelo homem de saber integrado que transita na esfera das três praxiologias. São domínios que não se deixam penetrar facilmente pela análise e a tecnologia..., domínios em que a insignificância se mostra relevante e onde um especialista é de pouca valia.

---

“Espero, com estas breves reflexões, trazer uma contribuição para o projeto de elaboração de uma epistemologia de síntese. Creio que este “retorno” aos começos é útil no sentido de resgatar concepções originais do conhecimento que o desenvolvimento histórico, filosófico e científico posteriores foram esquecendo, ou relegando para o plano do místico enquanto um plano desprezível, alienante, falso. A epistemologia que poderia ser associada às concepções das seitas filosófico-religiosas seria já sintética e holista. Contudo, como não tendo sido produto de uma sociedade que sofreu a tirania absolutista da ciência, da tecnologia e mesmo do modo de produção capitalista, pode-se dizer que tais concepções eram ainda ingênuas e muito excludentes. A vida do sábio era uma vida de privações e mesmo negação do mundo para se centrar nas preocupações de um conhecimento acessível ao indivíduo para a sua emancipação particular. Formavam-se grupos fechados aos iniciados, grupos excludentes que repudiavam a vida mundana comum, dos ignorantes, dos não iniciados. Este era o possível para o momento. (Sublinhei)

A tal via se opunha outra, a via do mundano, das técnicas de atuação no mundo e só nele que é a via retórico-sofística. Estes serão os grandes críticos da tradição, do mito (agora fábula, mentira) e mesmo da religião<sup>16</sup>.

Creio que a epistemologia de síntese proposta agora visa ambos os objetivos das vias acima. Tanto a perspectiva de um homem individual emancipado, quanto uma sociedade a ele relacionada igualmente emancipada. A proposta é extremamente importante, ainda mais nessa nossa conjuntura de crise paradigmática e de uma epistemologia que se voltava unicamente para o conhecimento dito científico. (Sublinhei)

Por outro lado, o estudo mais aprofundado das concepções centrais ao pensamento das seitas filosófico-religiosas pode ser um campo fértil no sentido de fundamentar desde a “origem” uma epistemologia de síntese”. (GRIJÓ, 1995 - Sublinhei)

É assim que vislumbro na homeopatia um caso paradigmático dessa *conveniência* da realidade física e orgânica à terapia por uma mente de saber integrado. De alguma forma, em todos os campos da atividade humana, esses domínios reservados são aqueles que exigem a ultrapassagem da mera *emulação* das fórmulas tradicionais. Na sua aproximação, a primeira condição é que a mente seja suficientemente aberta e profunda para que nela a *analogia* possa fundar a sensibilidade. Mas, obviamente, a ação implica na faculdade da *simpatia*. É o que se exige de um homeopata.

Mas não é essa característica do perfil necessário ao exercício da atividade, o traço mais relevante neste caso. É sim o fato de que a terapia homeopática, sendo mais abrangente e mais sutil, representa uma condição mais avançada do saber, como uma praxiologia de caráter preventivo da saúde integral e limpa de efeitos colaterais perniciosos e degradantes. Sendo mais exigente nas condições que exige ao terapeuta, oferece, em contrapartida, uma condição terapêutica superior. E há, também, nessa praxiologia uma última característica de natureza paradigmática, no fato que ela, para alcançar sua máxima eficácia, exige uma condição determinada do seu próprio objeto. Em determinados círculos da especialidade, avança-se a hipótese de que há pacientes que respondem melhor ao tratamento homeopático que outros, assim como há pacientes que, praticamente, não respondem ao tratamento homeopático.

Não vai nisso uma diferença muito grande em relação à medicina de uma forma geral; eis que as condições imunológicas e as resistências ao tratamento alopático também variam entre diferentes pacientes. A diferença está no fato, entretanto, de que essa variação de respostas não costuma ser, na alopatia, uma condição tão generalizada e, ao mesmo tempo, tão definitiva. A ela a alopatia responde quantitativamente - com maiores dosagens ou drogas mais fortes - e dilematicamente: ou obtém resposta do organismo, ou reconhece a sua morte. Na homeopatia, a diferença genérica de resposta à terapia é de ordem qualitativa - é regra geral na homeopatia que nem um paciente responderá como o outro. E, de outro lado, a rejeição global ao tratamento homeopático não carrega a tragicidade do dilema alopático. Primeiro, porque o círculo interativo da *convenientia*, *aemulatio*, *analogia* e *simpatia* torna o tratamento homeopático pouco suscetível de ser seriamente adotado por um paciente que lhe seja resistente [até porque o nível em que se cristaliza a resistência diz respeito a estados de desenvolvimento consciencial, que *antipatizam* o paciente a este recurso terapêutico]. Segundo, porque a homeopatia, buscando o equilíbrio global do organismo, tratando o paciente e não a doença, promove um processo interativo de aprendizagem onde, ao invés do paciente, gradativamente, perder o controle de suas reações vitais ao efeito das substâncias medicamentosas, tende a delas se apropriar. É exatamente isso que faz da homeopatia uma praxiologia escancaradamente inserida no contexto auto-reflexivo do novo paradigma epistemológico. Ela simplesmente manifesta o que a redução do discurso médico ao solilóquio das tecnologias alopáticas encobre: a reflexividade universal das praxiologias e o fato de que a sua diferenciação implica na opção por alternativas que envolvem emancipação ou alienação. Enquanto a alopatia envolve, por definição, uma condição terapêutica alienante (ao efeito medicamentoso ou à autoridade do médico), a homeopatia promove uma gradativa apropriação das manifestações e dos limites da própria condição vital pelo paciente (e nisso mantém uma estrita correspondência com a psicanálise).

Isso posto, enfatize-se que é na concepção articulada das suas três praxiologias: INICIAÇÃO, ALQUIMIA e MAGIA, que a teogonia de *Alétheia palavra-realidade*, manifesta com maior clareza o seu fundamento holístico. O **MAGISTA** (tecnólogo da Tradição esotérica) é, sobretudo, um **INICIADO** (alguém que atingiu os estágios superiores de uma educação para o poder) e almeja para sua obra a capacidade de transmutação da **ALQUIMIA** (cujo poder sobre a matéria ou o espírito consiste numa aplicação terapêutica, capaz de revelar o superior desde o que é inferior, produzir um estado mais sutil desde um estado mais denso, promover uma adequação física ou mental desde um desequilíbrio identificado em alguma destas dimensões da existência).

No âmbito desse paradigma, não se produzem tecnólogos fora de um processo formativo e de uma intencionalidade moral positiva. Evidente que pode haver os bem formados e mal intencionados - mas, como tal serão logo identificados e estigmatizados no seio da Tradição, porque neste contexto de crivos e regras não há como confundir a uns e outros - a magia branca e a magia negra.

Expressões desse saber, vamos encontrá-las disseminadas nas várias manifestações da Tradição milenar, cultivadas pelas escolas iniciáticas. É o caso de Claude de ST. MARTIN - fundador de uma escola de iniciação maçônica - o qual, dois séculos antes de PIAGET, já propunha uma divisão da Humanidade segundo o **estágio de desenvolvimento de sua estrutura mental** em quatro grandes categorias, a saber:

1. ***“Homens da correnteza ou as pessoas pouco individualizadas e sem força de vontade, seguindo cegamente a moda do momento e os fluxos da época...”*** [consciências num estágio sensorio-motor, ainda não individualizadas, em fase de *assimilação* de um saber que se (re)conhece nos movimentos objetivos da sociedade que os rodeia, diria um psicólogo de formação piagetiana] são também dominados pelo espírito de simples **convenientia**;
2. ***“Homens de Aspiração ou os que buscam a Verdade Absoluta e trabalham consciente e perseverantemente para seu auto-aperfeiçoamento, mediante a contemplação da Natureza, da penetração em seu próprio coração e do estudo de fontes da Tradição...”*** [consciências num estágio pré-operatório, envolvidos no processo de socialização das condições necessárias - inclusive no plano da linguagem ou Tradição - em fase de *acomodação*, portanto, ao exercício de um saber que precisa ser buscado na reflexão da própria alteridade, diria o mesmo estudioso da epistemologia genética do grande mestre da pedagogia moderna] a estes, é acessível, a condição da **aemulatio**;
3. ***“Homens Novos ou os que, tendo alcançado um determinado grau de desenvolvimento astral, não mais estão, por isso, sujeitos aos mesmos erros que um Homem de Aspiração, mesmo o mais sincero, no julgar a si mesmo ou ao seu próximo...”*** [consciências num primeiro nível das operações concretas - neste estágio, a capacidade de aplicação racional da inteligência a problemas concretos, assegura capacidade de balisar com segurança - em exercícios de *significação* - o próprio caminho à frente e a relação com os outros... é o que analisaria o psicólogo construtivista] a estes é acessível o entendimento pela **analogia**;
4. ***“Homens de Espírito ou os que ultrapassaram totalmente a atração do plano físico e que se libertaram, com isto, da escravidão da esfera anímica, alcançando a plena consciência de sua alta origem na Esfera das Emanações...”*** [consciências que, num segundo nível operatório, libertam-se da necessidade das mediações fáticas, empíricas, e atingem a capacidade da elaboração do raciocínio formal - é só então que atingem a capacidade de *operacionalização*, reconheceria o discípulo de PIAGET] a estes, finalmente, corresponde a faculdade da **simpatia** [citações da classificação de Claude St. Martin, apud MOEBES, 1989/97:152].

A história não permitiu, no entanto, que se retirassem todas as conseqüências emancipatórias dessas visões integradas de ***Alétheia*** [palavra-realidade], que se manifestam nos conteúdos articulados da Tradição das seitas religioso-filosóficas, restando o seu conteúdo totalizante marginal e sobrevivente. De um lado, a segmentação das praxiologias, praticada no período clássico, bloqueou na sua própria vertente o potencial emancipatório do processo de laicização e, afinal, da tentativa de consolidação da democracia na Grécia antiga. De outro, o insulamento da formação consciencial nas academias, onde se refugiou a metafísica; o controle da ação política pela retórica, impulsionada pelo descompromisso ético da sofística;

e a gradativa especialização dos templos, nas terapias de orientação mística; figuram três aspectos de uma crise epistemológica, que se projetam, sequencialmente, na condenação de Sócrates; na dominação de Felipe da Macedônia e na romanização da Tradição mitopoética.

Como resultado: a **marginalização da ética** em relação aos negócios da cidade; o **domínio pela força**, na ditadura das legiões e dos legionários, e a **estatização da fé**; representam o legado histórico de um processo regressivo, instaurado pela fragmentação do conteúdo holístico da cultura grega. Nessa gesta, **sucumbiram os princípios universalistas, que o helenismo ofereceu à reflexão humana**, constituindo, pela vez primeira, uma totalidade de sentido que articulava: a **liberdade** [como fundamento - centralidade e publicidade do processo de tomada de decisão], a **igualdade** [como objeto - finalidade básica da ação coletiva] e a **fraternidade** [como o necessário amálgama entre liberdade e igualdade, que a institucionalidade democrática se propunha assegurar].

Um primeiro aspecto digno de realce nessa teogonia de **ALÉTHEIA** [palavra-realidade] diz respeito ao conteúdo dos três **interesses epistemológicos**, que se resgata e se redefine. As seitas religioso-filosóficas cunham uma visão de mundo construída sobre uma concepção triádica do Ser, que lhe refere três atributos primordiais, correspondendo aos conceitos de PARMÊNIDES, o qual *“procura distinguir na linguagem, o estável do não-estável, o permanente do fluente e o ‘verdadeiro’ do ‘enganoso’*. [DETIENNE, 1981:70]

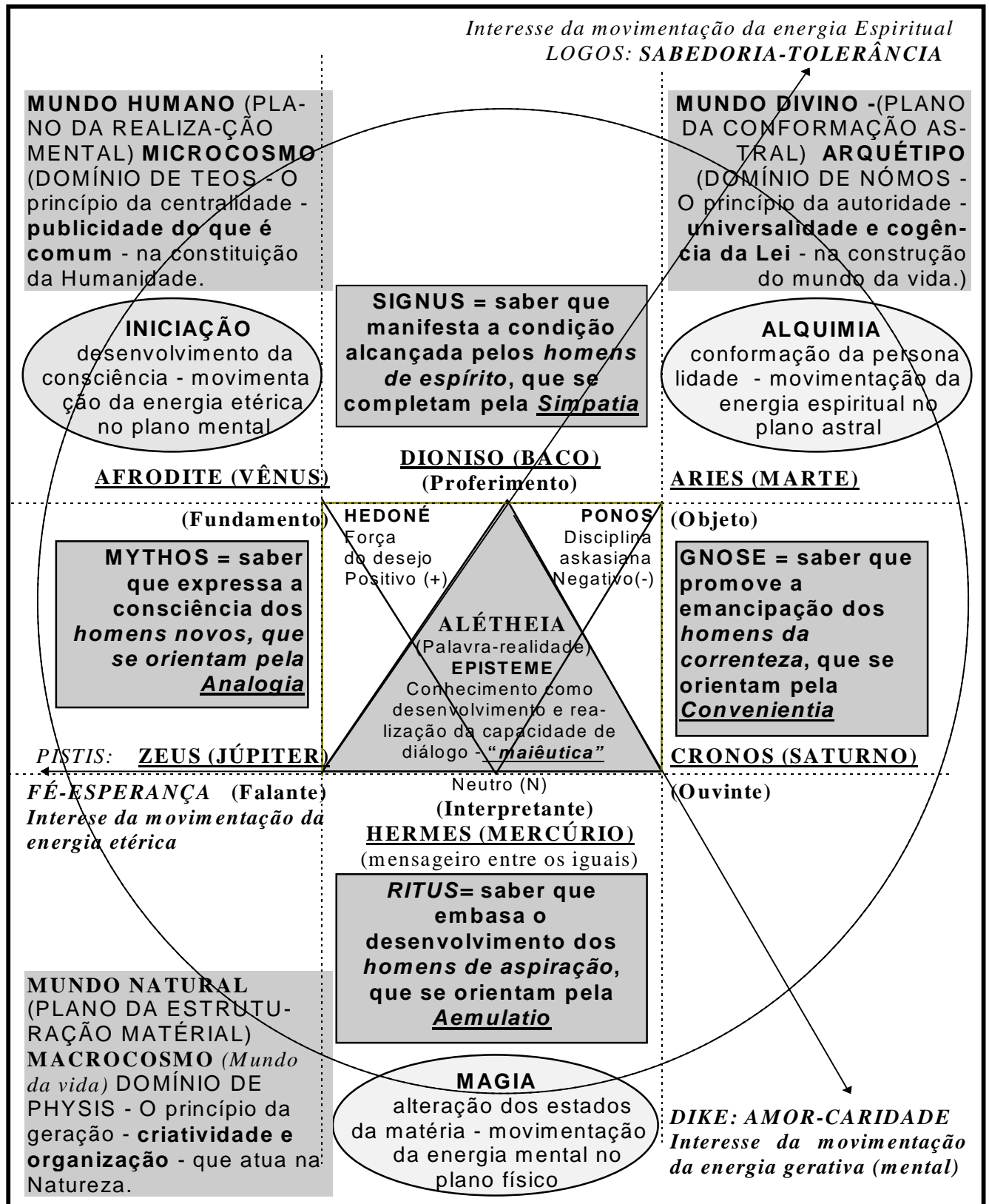
Assim, ALÉTHEIA [palavra-realidade] é dotada de permanência [qualidade da **MATÉRIA** - domínio de PHYSIS], estabilidade [qualidade da **FORMA** - domínio de NOMOS] e verdade [qualidade do **ESPÍRITO** - domínio de TÉOS].

Um desenvolvimento posterior dessa tríade, que amadurece no seio das TRADIÇÕES esotéricas, vai derivar dela uma cosmovisão tripartite, que identifica correspondentemente três planos estruturados da realidade, aos quais correspondem três processos estruturantes:

- a) **Planos da realidade**: o PLANO FÍSICO - ou mundo material; o PLANO ASTRAL - ou mundo da forma; e, o PLANO MENTAL - ou mundo espiritual; isso que, no modelo paradigmático da epistemologia de síntese, corresponde aos três CAMPOS DE ESTRUTURAÇÃO DO SABER;
- b) **Processos estruturantes**: a movimentação ENERGIA ETÉRICA - que se condensa no potencial organizativo do plano físico; a movimentação ENERGIA MENTAL - que se conforma no potencial gerativo do plano astral; e a movimentação da ENERGIA ESPIRITUAL - que se realiza no potencial cognitivo do plano espiritual; isso que, no modelo paradigmático da epistemologia de síntese, corresponde aos conceito dos três INTERESSES EPISTEMOLÓGICOS.

No **Quadro 21** a seguir, figuramos uma reconstrução do espectro conceitual das seitas filosófico-religiosas na perspectiva do paradigma epistemológico.

**Quadro 21 - Teogonia de ALÉTHEIA - palavra-realidade (reconstrução tentativa do imaginário das SEITAS FILOSÓFICO-RELIGIOSAS) em seu enfrentamento de APÁTE, no enquadramento conceitual da epistemologia de síntese.**



No *interesse da compreensão participativa do discurso*, resgata-se ao imaginário do período arcaico o conceito da **PISTIS**. Na era da pós-secularização, converte-se a antiga PISTIS - a fé ingênua na omnisciência do poeta - num sentimento mais denso e conseqüente com a nova condição do conhecimento, numa **FÉ** secular, racional e pragmática. Essa que se manifesta na **ESPERANÇA**, que nos permite compreender e trabalhar o conteúdo permanente do *mundo da vida*. A teogonia de **ALÉTHEIA** [palavra-realidade] confronta-se, aqui, à submissão das consciências ao império da DOXA - que é *pseudés e alethés* - ou seja, ausência de identidade consigo mesmo e ausência de verdade.

No *interesse da reconstrução teórica do significado*, resgata-se ao imaginário do período arcaico a potência de **DIKE**. O poder de realização da ordem pelo edito da autoridade toma agora a feição de uma capacidade gerativa do direito, pela força do consentimento, que expressa **AMOR**. Isso que se concretiza na **CARIDADE**, que nos permite construir e [re]construir o conteúdo estável da nossa *natureza interna*.

No *interesse da fundamentação transcendental do entendimento*, redefine-se o estatuto epistemológico da potência de **LOGOS**. O discurso não será mais, apenas, o conteúdo instrumental de uma praxiologia. Assume agora a condição de palavra-diálogo, expressa assim a **SABEDORIA** do Verbo que, pelo exercício da **TOLERÂNCIA**, nos permite comunicar e assim verdadeiramente significar.

São estes conteúdos de PISTIS, DIKE e LÓGOS, que o agir e o fazer comunicativos das seitas filosófico-religiosas projetam nas três praxiologias que tentativamente exercitam nos seus trabalhos de INICIAÇÃO, ALQUIMIA e MAGIA.

Pela INICIAÇÃO, objetivam o desenvolvimento dos níveis conscienciais do indivíduo. No sentido esotérico, circunscrito ao universo conceitual e prático das seitas filosófico-religiosas [e aqui apenas registrado - sem a pretensão de discutí-lo], esse é um processo através do qual os indivíduos aprendem a projetar a energia etérica (ou material) no plano mental. Figurativamente, é representado pela idéia da ascensão do corpo físico ao mundo espiritual. Pela ALQUIMIA, objetivam a conformação da personalidade aos desígnios da sua própria transcendência. Esotericamente, esse é um processo através do qual se desenvolve a capacidade de movimentação da energia espiritual no plano astral (ou no mundo das formas - do Arquétipo). Figurativamente, é representado pela idéia do (re)nascimento do ser espiritual no mundo da forma. Pela MAGIA, objetivam a alteração dos estados da matéria. Esotericamente, é um processo através do qual se aplica a energia mental no plano físico. Figurativamente, é representado pelo que se possa conceber como o poder de realização da mente no mundo material.

Uma característica adicional, na teogonia de *Alétheia* palavra-realidade, é a clarificação da relação entre as faculdades do espírito, acessíveis a cada estágio alcançado pelo autodesenvolvimento da humanidade, e as estruturas do conhecimento, que asseguram a sua apropriação pela consciência. Assim, o diagrama do **Quadro 21** formaliza a correspondência entre as categorias de: *convenientia* e GNOSE, *aemulatio* e RITUS, *analogia* e MYTHÓS, *simpatia* e SIGNUS. Trata-se de conceitos que se articulam, explicitando os processos constitutivos daquilo que, na epistemologia de síntese, vai configurar a **divisão estrutural do saber**. Neste sentido, a GNOSE é um saber constitutivo da RELIGIÃO, o RITUS é um saber constitutivo da CIÊNCIA, o MYTHÓS é um saber constitutivo da FILOSOFIA e o SIGNUS é um saber constitutivo da ARTE.

Aqui chegados, em face de todas as correspondências conceituais que esboçamos, no esforço de reconstrução teórica da saga de ALÉTHEIA-palavra-realidade, o exercício concreto do nosso agir e fazer



comunicativos autoriza-nos uma conclusão, ainda preliminar diante da magnitude do que está posto ao conhecimento e foi tornado acessível ao entendimento: **o teste crucial, a que foi submetido o modelo paradigmático da epistemologia de síntese, evidencia a sua positividade.**

A **Tabela 26**, adiante, sintetiza as correspondências conceituais que demonstram a conformação da cosmovisão mítopoética a uma interpretação que utiliza a lógica [e a morfológica] do modelo paradigmático da epistemologia de síntese. Desvela-se, assim, o aspecto racional na estrutura simbólica do mito e, obviamente, com isso, ganha sentido e consistência a hipótese central desse texto, que descarta a incompatibilidade entre pensamento mítico e razão, entre saber tradicional e ciência.

À guisa de uma conclusão provisória, a configuração de **ALÉTHEIA palavra-realidade**, com sua específica configuração das praxiologias de INICIAÇÃO, ALQUIMIA e MAGIA, oportuniza uma reflexão contemporânea: assim como sucedeu na crise do entendimento provocada pela emergência da sofística na antiga Grécia, **a dissociação das aplicações praxiológicas na vida cotidiana é uma das conseqüências mais graves da hegemonia cientificista** nos dias que passam.

Desrespeitada a necessária complementaridade entre seus três princípios constitutivos - a **formação** pedagógico-consciencional, a **condição** alquímico-terapêutica e a **realização** magístico-tecnológica - massificou-se a aprendizagem técnica sem um correspondente desenvolvimento no campo educativo e na sua condicionalidade moral. Como resultado, **na nossa civilização, atribui-se poder de dominação com muita facilidade; e o que é pior, a quem desconhece seus fundamentos e não é capaz de visualizar seu horizonte - a quem não sabe como e nem por que o poder tornou-se acessível ao ser humano - e portanto, nunca poderia manipulá-lo...** na transformação da natureza ou na administração da sociedade.

Não há maior truculência, nesse particular, que a da extensão e generalização da mediocridade certificada. Felizmente, ainda não se chegou à insensatez de atribuir o generalato por “concurso público” de provas de conhecimento e títulos, e não se caiu ainda na asneira de transformar a academia de ciência política numa escola de “treinamento” para políticos, mas já nos encontramos no seu limiar...

O grande problema que enfrentamos é o contágio do teorema minimax... que nos induz à escolha do mal menor. Parece menos ruim que tenhamos medíocres ilustrados do que simplesmente medíocres na administração da coisa pública. A dificuldade começa a surgir quando a ilustração assume foros de “competência”, e mais ainda, quando se é tão pobre em valores morais, que uma tal “competência” se transforma em medida de qualidade, em padrão de desempenho e, afinal, em prerrogativa de “status”.

Não se veja nisso, simplesmente, o comportamento reativo da burocracia - no seu ritualismo corporativo - como já tem sido tão amplamente denunciado e analisado. O que se pretende apontar, aqui, vai mais além e identifica a sua conseqüência mais perniciosa, nem sempre devidamente ressaltada: a conspiração militante da mediocridade, que permeia os partidos, as igrejas, enfim, todos os segmentos organizados e, mais ainda, e sobretudo, os ambientes desorganizados da vida em sociedade. Tem origem e raízes nesse padrão cultural, um generalizado, endêmico e epidêmico “mal estar das massas” neste final de milênio, que as antagoniza ao trabalho bem feito, à liderança conseqüente, ao exercício do dever além do exigível... que se cunhara no imaginário da civilização democrática, desde a sua matriz helênica.

Tabela 26 - Correspondência entre as categorias triádicas do signo em HABERMAS e PEIRCE, no enquadramento teórico da epistemologia de síntese, e as categorias prático-teóricas das teogonias de ALÉTHEIA [palavra mágico-religiosa], APÁTE [palavra-instrumento] e ALÉTHEIA [palavra-realidade].

<b>Categorias de HABERMAS/PEIRCE</b>	<b>ALÉTHEIA: palavra mágico-religiosa</b>	<b>APÁTE: palavra-instrumento</b>	<b>ALÉTHEIA: palavra-realidade</b>
<b>Campo da Fundamentação Transcendental do Saber</b>	Domínio do Poeta	Domínio de Teos	<b>Mundo Humano (Microcosmo)</b>
<b>Campo da Estruturação Teórica do Saber</b>	Domínio do Rei de Justiça	Domínio de Nomos	<b>Mundo Divino (Arquétipo)</b>
<b>Campo da Realização Participativa do Saber</b>	Domínio do Adivinho	Domínio de Physis	<b>Mundo Natural (Macrocosmo)</b>
<b>Interesse da Fundamentação Transcendental do Entendimento</b>	PEITHÓ	KAIRÓS	<b>LÓGOS</b>
<b>Interesse da Reconstrução Teórica do Significado</b>	DÍKE	MIMÉISIS	<b>DIKE</b>
<b>Interesse da Compreensão Participativa do Discurso</b>	PÍSTIS	DOXA	<b>PÍSTIS</b>
<b>FUNDAMENTO DO REPRESENTÁMEN</b>	THELXINOÉ	MÉSON	<b>AFRODITE</b>
<b>OBJETO</b>	MELÉTE	ISON	<b>ARIES</b>
<b>INTERPRETANTE</b>	KUDOS	AGÓN	<b>HERMES</b>
<b>FALANTE</b>	AOIDE	PARÁFPHASIS	<b>ZEUS</b>
<b>OUVINTE</b>	ARCHÉ	OARISTUS	<b>CRONOS</b>
<b>PROFERIMENTO</b>	KLÉOS	PARÉGOROS	<b>DIONISO</b>
<b>FILOSOFIA</b>	HINO	PODER	<b>MYTHÓS</b>
<b>ARTE</b>	LOUVOR	DISCURSO	<b>SIGNUS</b>
<b>RELIGIÃO</b>	ORDÁLIA	LEI	<b>GNOSE</b>
<b>CIÊNCIA</b>	ORÁCULO	RETÓRICA	<b>RITUS</b>
<b>EDUCAÇÃO</b>	MOUSA	TEOS-LOGOS	<b>INICIAÇÃO</b>
<b>TERAPIA</b>	THÉMIS	NOMOS-LOGOS	<b>ALQUIMIA</b>
<b>TECNOLOGIA</b>	MNEMOSYNE	PHYSIS-LOGOS	<b>MAGIA</b>

Já não se ouvem as Musas na emulação da Glória - Kudos e Kléos sofrem desterro nas Planícies de Léthe, onde a civilização científico-tecnológica construiu seus arraiais. Heróis... fazem-nos hoje, preferencialmente mortos, e na melhor das hipóteses aposentados. São demasiado incômodos na ativa, no exercício das suas prerrogativas para uma política de resultados. Não se veja nisso, apenas, traços da nossa cultura presente... mas a conseqüência, agravada pela concentração do poder de Estado, dos arquétipos do comportamento social que enraízam na nossa história colonial.

A emulação do silêncio, como expressão de um talento acima de qualquer suspeita e, por isso mesmo, festejado e promovido na trajetória pública do Pacheco, que nos legou a pena imortal de Eça de Queiroz; e o vazio pomposo dos enunciados que acompanham a trajetória do seu personagem, ainda mais prestigiado e socialmente reconhecido - o Conselheiro Acácio - constituem uma chave para a decifração do DNA desse vírus mutante, que tem como sua face externa o “murismo” e o “camaleonismo” no comportamento tradicional das nossas elites, e na sua face interna o componente mais pernicioso de uma necessidade de auto-confirmação, que se projeta na invasão e conversão dos espaços ainda sadios do organismo social, à lógica de um descortino político, que se circunscreve ao horizonte do seu próprio umbigo. Na sua esteira, esse profundo e reiterado “mal estar do Século”, que hoje grassa em nossa sociedade, de forma mais violenta e agressiva que no período literário de Eça a Machado, porque massificado nos corporativismos da ora presente e intransigente no amoralismo da sua auto-justificação... resulta em consumição das energias positivas, que emanam das próprias bases da nossa sociedade, e no bloqueio do serviço público à efetiva realização do interesse coletivo.